

30668 1638

BIBLIOTECA PARA  
A INFANCIA

MARIA O'NEILL



AS IDEIAS DE MIMI

PARCERIA  
A.M. PEREIRA LIVRARIA EDITORA-LISBOA

L.  
87









---

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

---

**AS IDEAS DE MIMI**

---



\*\*\* TIPOGRAFIA DA PARCERIA  
ANTONIO MARIA PEREIRA \*\*\*  
RUA AUGUSTA, 44 A 48. LISBOA

## VOLUMES PUBLICADOS

---

- 1 — Horas de folga.
- 2 — Recreações infantis.
- 3 — Para ler nas férias.
- 4 — Por bom caminho.
- 5 — Para divertir.
- 6 — Alegrias.
- 7 — Histórias famosas.
- 8 — A fada loira.
- 9 — Contos da mamã.
- 10 — Para rir e pasmar.
- 11 — Feitos gloriosos.
- 12 — As ideias de Mimi.
- 13 — Proezas dum valentão.
- 14 — Maurício e Beatriz.
- 15 — Os bonecos de Joaquina.

Lo R. 479.1306  
BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

30668  
POR

MARIA O'NEILL  
P. 23  
M. a. J.

22862

6 7 Novembro 19 23  
**AS IDEAS DE MIMI**

CONTOS

ILUSTRAÇÕES DE SANTOS SILVA

3.<sup>a</sup> EDIÇÃO

1923

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

BIBLIOTECA NACIONAL,  
Conservação das Propriedades da Literatura  
LISBOA



17

17  
17  
17





Mimi era uma criança de dez anos, trigueira, pálida e esguia, muito feia, mas que os pais achavam linda e amimavam com todos os excessos de ternura que o receio de a perder precocemente tornava desculpáveis.

Os médicos que a tinham visto aos cinco anos, quando uma pneumonia a prostrara no leito, gravemente doente, haviam afirmado: — Não pode viver: é uma criaturinha tão fraca, que parece milagre ter chegado a esta idade. Não tem lesão alguma séria, mas é um organismo sem defesa: todos os cuidados são poucos.

Os pais, ouvindo isto, trocaram um olhar angustiado e, desde então, não tiveram outro pensamento senão conseguir vida para a sua querida Mimi.

.. Não a mandaram para o colégio nem lhe toma-

ram mestres. ; Para que a haviam de causticar com secas inúteis? Já não a aborreciam pouco com as proibições que os cuidados nas ua saúde lhe impunham. Mimi não podia correr porque êsse divertimento apressava-lhe de tal modo as pulsações do coração que se tornava incómodo. As outras meninas fugiam de brincar com ela e diziam, no passeio da Estrêla, olhando-a de soslaio: «Não, essa não convides: é uma lesma. Não pode nada.» Conhecendo a opinião que a criançada ali reunida tinha a seu respeito, Mimi sofreu; mas como tinha um génio altivo e orgulhoso, resolveu não o mostrar e, quando alguma menina, dotada de mais coração, tentava conciliar os jogos com os cuidados de que Mimi era alvo, para que esta pudesse ter uma parte nos seus prazeres, a inteligente criança agradecia e recusava, pressentindo que se poupava assim a impertinências e contrariedades que as mais malévolas não deixariam de lhe proporcionar.

Como não queriam que ela aprendesse, tinha um desejo enorme de se instruir. Ninguêem sabia dizer quem lhe ensinara a lêr. Foi ela, numa ânsia enorme de saber que, perguntando a um e a outro, conseguiu decifrar, primeiro com grande dificuldade e depois com facilidade extrema, as notícias da vida elegante que o *Diário Ilustrado* trazia com um título estrangeiro, como se na nossa bela língua se não encontrasse a frase precisa para classificar a distincta secção.

Assim que leu correntemente, pediu livros de história, e os pais, que queriam tê-la sempre entretida,

apressaram-se a satisfazer-lhe o desejo. Obteve pela leitura muitos conhecimentos e, como era reflectida, tinha um modo de pensar e de expor que a tornavam muito superior á sua idade. No dia dos seus anos perguntou-lhe a mãe de manhã:

— ¿ Que queres tu hoje fazer? Eu e teu pai resolvemos que serias tu quem destinaria o programa da festa.

Mimi ficou silenciosa. A mãe sugeriu:

— ¿ Queres que mande convidar as primas para cá virem jantar?

Mimi fêz um gesto de reprovação.

— ¿ Então que queres? dize...

— ¿ Fazem tudo que eu pedir?

— Tudo.

— Então nesse caso, mãesinha, manda vir muitas crianças pobresinhas, dá-lhes a tôdas um bom jantar e um fato e, depois de as termos visto alegres e satisfeitas, vamos nós jantar a qualquer hotel e á noite riremos com gôsto dos palhaços, no Coliseu.

— ¿ Preferes os pobres ás tuas primas?

— Prefiro. Elas desdenham-me, e êles, se me não agradecem, dar-me-hão, pelo menos, o espectáculo da sua alegria.

— Mas eu não posso arranjar fatos de um momento para o outro...

— Tiras-lhes as medidas, compras-lhes a fazenda, e, de hoje a quinze dias, tornas a dar-lhes de jantar e levarão os fatos vestidos. Sim?

- Pois sim, e mas para ti que queres tu?  
— Já disse: jantar num hotel e á noite palhaços.  
— Terás tudo isso? Mas não queres um vestido?  
um chapéu? uma boneca?



...são sempre pouco vulgares.

— Não. Eu não tenho vontade de brincar: prefiro ler.

A mãe afastou-se tristonha e foi dizer ao marido:  
— As ideas de Mimi são sempre pouco vulgares.

Preguntei-lhe o que queria e respondeu me ponderadamente como o poderia ter feito uma mulher.

— ¿ E estás triste por isso?

— Estou. A nossa filha é boa de mais para ser da terra. Ai! bem diziam os médicos que ela não devia viver muito.

Germano Valadares pôs-se a rir.

— Tu ris-te? perguntou a mulher admirada.

— Não, hei de chorar. Segundo a tua opinião os bons não podem viver?

— Não digo isso, mas...

— Pensa-lo o que é um grande disparate. Crê-me, Alda, a pequena tem razão. ¿ Que virão cá fazer as primas? Arreliá-la que é o que sabem. Eu folgo com as tendências caritativas que encontro a todo o momento no carácter da nossa filha. Diz o povo que quem dá aos pobres empresta a Deus. Êle lhe retribuirá em saúde a sua generosidade.

— Oxalá! exclamou a mulher. E confortada pelas palavras do marido, correu a dar ordem aos criados para tratarem do jantar e prevenirem as crianças mais pobres do bairro.

Tinham dado tres horas quando ao palácio da rua de S. Marçal começaram a afluír os pequenitos: eram vinte, todos entre os 4 e os 9 anos. Vinham muito sujos, descalços e com os fatos em farrapos. Mimi olhava-os com tristeza, lamentando no seu coração as desigualdades da sorte. Entraram todos para a casa de banho e saíram de lá limpos, penteados e vestidos

com bibes brancos, porque a mãe de Mimi, que era o modelo do arranjo, tinha guardado todo o fato desta que já lhe não servia.

Os pequenos estavam estranhos. Olhavam espan-



...veio tirar as medidas.

tados para a rica mobília de carvalho que guarnecia a sala, para os armários carregados de prata, para os quadros magníficos que ornavam as paredes, e parecia-lhes impossível que fôsem êles que estivessem ali, sentados áquela mesa, abundante e esplêndida,

servidos pelos próprios donos da casa e por criados de libré que se lhes afiguravam quasi uns principes.

Um dos pequerruchos que era menos acanhado, olhando enlevado o criado que lhe deitava no prato uma fatia de carne, exclamou, voltando-se para o irmãozinho pouco maior do que elle:

— Pedro, quando eu fôr grande, quero ser um general assim.

Todos riram. Mimi estava radiante. A criada da costura veio tirar as medidas para os fatos e, finda essa cerimonia, os pequenos retiraram-se contentes levando vestidos os bibes que lhes haviam posto, 50 centavos para a mãe, e um cartucho de bolos. Mimi, satisfeita do prazer que lhes havia causado, via-os da janela dispersarem-se na rua alegremente e dizia a seu pai:

— O melhor dom que Deus nos dá, meu pai, é o meio de remediarmos as desgraças alheias: tira-se disso um grande bem para o nosso coração, não é verdade?

Germano acenou afirmativamente com a cabeça.

Mimi continuou:

— Agora, que estamos sós, vou ser franca contigo. Eu não sou feliz. . .

O pai sobressaltou-se:

— Não és feliz! . . . Mas nós fazemos tudo. . .

— Eu sei, ninguém o sabe melhor do que eu. As crianças porêm são crueis. Não querem brincar comigo, lamçam-me em rosto a impossibilidade de as

acompanhar nos folguedos, e isso tem-me feito muita pena.

O pai, com os olhos húmidos, abraçou-a comovido.

— Não te aflijas, disse-lhe Mimi retribuindo-lhe o abraço. Tudo tem remédio e, se isto o não tivesse não te diria nada. ; Para que te havia de apoquentar? Tenho-me afastado das primas e das outras pequenas para lhes não ouvir impertinentes más criações, mas a leitura não me basta e descobri um meio de me distrair sem que me molestem.

— Dize.

— Queria tomar estas vinte crianças á minha conta. A mestra que não tenho, porque me faz mal aprender, podias tomá-la para elas. Na sala de baile arranjava-se uma aula magnífica. O quarto dos meus bonecos servia para o recreio nos dias de chuva; nos dias de sol tinham o jardim. Eu ocupava-me a ver tudo isto, a melhorar a sorte dos que são mais infelizes do que eu, e esqueceria essas tolas, que desde-nham constantemente de mim, praticando actos que elas são incapazes de premeditar porque sinto que não tem coração.

Germano, ocultando a custo a mágoa que lhe ia na alma, prometeu:

Tudo se fará como desejas, tudo. Não ha nada, Mimi, que eu não faça para te minorar um dissabor. Não ligués importância aos ditos das tuas primas e das outras pequenas; elas, o que tem, é inveja da tua superioridade moral.



— ¿ Julgas isso paisinho ?

— Não julgo, tenho a certeza.



... enfiando o braço

— Como são mesquinhas! Eu nunca invejei ninguém, apesar de ver todos fazerem aquilo que eu não posso. Afigura-se-me que a inveja deve ser um tor-

mento muito maior para quem o sente do que para quem o inspira.

— Conforme. Os invejosos, quando podem, são terríveis. Foi a inveja de Lopo Vaz de Sampaio que causou o desagrado de Afonso de Albuquerque no ânimo, pouco propenso á gratidão, do rei D. Manoel I; foi ainda a inveja que armou a mão ambiciosa e ciumenta do infante D. João contra a infeliz D. Maria Teles.

— E quem foi o invejoso?

— A rainha D. Leonor, sua própria irmã. Dêsses e de outros nefandos crimes tem sido causadora a inveja: já vês que é um sentimento tão baixo que não é só nocivo a quem o sente. No melhor dos casos o invejoso vingá-se do seu íntimo desespêro desacreditando os que inveja e causando-lhes os dissabores que pode.

— São maus, não falemos mais deles, paisinho, não o merecem.

— Tens razão. Vamos ver as transformações que queres fazer na sala de baile.

— Vamos lá.

E Mimi, enfiando o braço no do pai, seguiu tagarelando alegremente através dos vastos corredores. Entrando na sala com os tetos pintados por Silva Porto e as paredes forradas de magníficos cristais, encaixilhados em régua doirada, Germano Valadares soltou um suspiro que passou despercebido á filha: era a expressão do muito que lhe custava sacri-

ficar a sua linda sala, onde tantas noites de prazer tinha passado, aos desejos de Mimi.

— Faz-se uma cortina para encobrir os espelhos? perguntou êle á filha.

— Não, respondeu esta, deixam-se assim, é muito melhor.

— Mas pode distraí-los do estudo.

— No primeiro e no segundo dia, depois não. Quando êles virem que as paredes accusam o seu menor gesto, terão juizo.

D. Alda entrou neste momento e, como o marido, não pôde ocultar um movimento de pena á idea de pôr uma aula naquele primoroso salão. Mimi notou-o e observou-lhe:

— Custa-te muito, mãesinha? Se custa, não falarei mais em tal. Julguei que estimarias, como eu, que êste inútil casarão se tornasse um benefício para os pobres e um motivo de bênçãos para nós.

— E julgaste bem, Mimi; a tua idea, além de caritativa é judiciosa. Tive, não nego, um movimento de egoísmo, mas não ficaria satisfeita comigo se o não reprimisse. Amanhã trataremos de mobilar a aula convenientemente e parece-me que poderemos duplicar o número dos teus protegidos. Aqui cabem á vontade 40 crianças. . .

— Até cem, respondeu Germano Valadares.

— Isso seria demais, observou D. Alda. Uma única professora não poderia prender-lhes a atenção. Sou porém de parecer que o número das crianças se

deve elevar ao máximo que seja compatível com as leis do ensino.

— Cincoenta? observou Mimi com os olhos brilhantes de alegria.

— É demais: quarenta e cinco é o máximo.

— Sejam quarenta e cinco.

— Quero pôr um nome á minha escola. ¿ Qual ha de ser?

— O teu.

— Oh! Não. Isso seria uma pataratice.

— Tens razão, observou-lhe o pai.

— Então escolhe tu, disse D. Alda.

Mimi ficou silenciosa por grande espaço, como procurando uma idea, e finalmente propôs:

— *O pão por Deus*, ¿ parece-lhes bem?

— Muito bem.

— Não é verdade? perguntou ela satisfeita de se ver apoiada. As crianças entram de manhã para a escola, almoçam, lancham e jantam. Vão-se embora á noite. São vestidas por nós. Aos domingos não teem aula, mas, querendo, virão ás horas das refeições. Usarão uniforme e terão um fato de safr para ao domingo passearem com os pais.

— ¿ E programa de estudos? perguntou o pai interessado.

— Aos rapazes, instrucção primária, concêrto da sua roupa, cosinha e arranjo de casa, desenho, jardinagem, o officio de marceneiro, aos que quiserem, e

musica. As raparigas, o mesmo mudando-lhes os officios em enfermeiras e costureiras.

— Mas isso já se não faz só com a sala de baile e uma professora, disse o pai divertido.



.. saltava num pé ..

— Não importa, observou-lhe D. Alda sorrindo ; nós somos bastante ricos para que essa despesa nos cause transtôrno. Mais vale gastar nisto do que a dar bailes como antigamente, ¿ não te parece ?

— Estou plenamente de acôrdo.

Mimi, ouvindo os pais, saltava num pé e noutro, batendo as mãos de contente. Germano Valadares tirou o relójo.

— ¿Sabem quantas horas são?

— Cinco?

— Um quarto para as seis. Vá, vão-se vestir que já é tempo de irmos para a rua. Abafa-te bem, Mimi, olha que a tarde está fria.

— Sim, paizinho.

E a bôa menina saiu da sala no seu passo cadenciado tão diferente do das outras crianças da sua idade.

Momentos depois a carruagem, saindo da cocheira, vinha parar em frente do portão, e Mimi, vestindo um lindo casaco de veludo azul guarnecido de magníficas peles cinzentas, entrava nela e sentava-se no banquinho da frente.

— ¿Onde queres ir? perguntou-lhe a mãe.

— Ao Durand: é mais caseiro e come-se lá bem, ¿não acha, paizinho?

— Sou sempre da tua opinião.

E Germano Valadares deu ordem ao cocheiro para tomar a direcção indicada.

Quando chegaram ao hotel, Mimi notou que seu pai as deixava subir adiante e ficava a falar com o cocheiro. Estranhou, mas supôs que fôsse a mandá-lo embora para não estar muito tempo á espera. Enganou-se. Mal ela e sua mãe desapareceram na escada,

o cocheiro, apiando-se, retirou da caixa da carruagem tres grandes embrulhos que entregou ao porteiro.

— Volta daqui a hora e meia, pouco mais ou menos. Está muito frio para estarem aí parados os cavalos e tu.

Germano Valadares ficou dando instruções a um criado que o porteiro chamou, e o cocheiro, subindo para a almofada, passou mansamente a pita do chicote pelo lombo dos excelentes cavalos, que se puseram rápidamente em marcha, e afastou-se pensando:

— Não há dúvida, o meu patrão é uma alma boníssima, mas tem o maldito costume de pôr sempre, nas suas recomendações, as bêstas em primeiro lugar do que eu. E' mal feito. Eu bem sei que a parelha custou cara, mas isso não obsta; sempre devia ter mais consideração por mim do que pelos animais. Mas não se melindre, amigo Vicente, não se melindre; é uma questão de interêsse próprio e não de o querer deprimir. Se você morresse, não se perdia nada: cocheiros há muitos; se acontecesse mal aos baios, eram seiscentos escudos que se lhe iam á vela e percebe você? Esta é que é a questão.

E monologando assim, no intento de se consolar do agravo involuntário que lhe tinha sido feito, mas que êle sentia vivamente, dirigiu-se ao Rocio, onde, na praça, encontrou alguns colegas que lhe deram a notícia de que a arte entrara em decadência: os automóveis iam suplantar tudo.

— Dentro em pouco, Vicente, dizia-lhe um antigo

colega, os cavalos desaparecem. Isto para mim é uma paixão porque tinha amor a êste modo de vida.

— Também eu, João, mas não me ralo com isso: faço-me *chauffeur*.

E, mentalmente, comentava com satisfação :

— Que grande ideia que era ! Se jos meus amos botassem automóvel, deixavam as bêstas de estar sempre em primeiro lugar do que eu. Quem me dera !

Deixemos Vicente entregue ao prazer de pensar que um dia se pode ver livre dos lindos baios, objecto dos seus cuidados e humilhações, e voltamos ao hotel Durand onde, num gabinete em que não há mais convivas, Mimi e seus pais festejam a data do seu nascimento.

O *menú* foi, por acaso, o mais do gôsto da nossa heroína

que se pode imaginar. Estavam quási á sobre-mesa quando o criado entrou trazendo um grande embrulho atado com laços de fita côr de rosa. Inclinando-se diante de Mimi, disse-lhe :



...que traz esta lembrança...



— Está lá em baixo um portador que traz esta lembrança para a snr.<sup>a</sup> D. Maria da Graça Valadares.

— Para mim?! exclamou Mimi com surpresa abrindo uns grandes olhos de pasmo e corando de prazer.

— Que será? perguntou D. Alda fingindo-se surpreendida.

— Vamos ver. ¿Queres que desembulhe? perguntou Germano Valadares, gozando com a curiosidade da filha e com a sua surpresa.

— Não, não: eu é que quero desatar as fitas.

E Mimi desfêz os laços, dobrou as fitas sem pressa e desembulhou um lindo cofre de prata, dentro do qual encontrou uma porção de dinheiro em oiro e prata. Em cima estava um cartão com estas palavras: Para gastares no que quiseres.

— E' a letra do paizinho!

E Mimi agarrou-se-lhe ao pescoço num impeto de entusiasmo e gratidão.

Continuaram a jantar e daí a pouco voltou o criado trazendo um grande embrulho com laços azuis. Antes que êle dissesse nada, Mimi lançou-se ao pescoço da mãe, bradando:

— Já sei: agora é a tua vez.

E desfazendo o embrulho, soltou um grito de satisfação. Era uma boneca, ricamente vestida, que tinha corda para andar, chorar, rir e dizer *papá* e *mamá*. Mimi estava encantada. Tinha muitas bonecas e das melhores, mas nunca vira nenhuma tão bonita.

Fizeram-se saúdes e quando estavam já ao café, chegou o criado outra vez trazendo um embrulho com laços amarelos.

— ¿Quem dá êste? perguntou Mimi jubilosa.

— Nós dois, responderam os pais a um tempo.

E desembulharam uma pequena estante carregada de livros minúsculos, com lindas gravuras e magníficas encadernações.

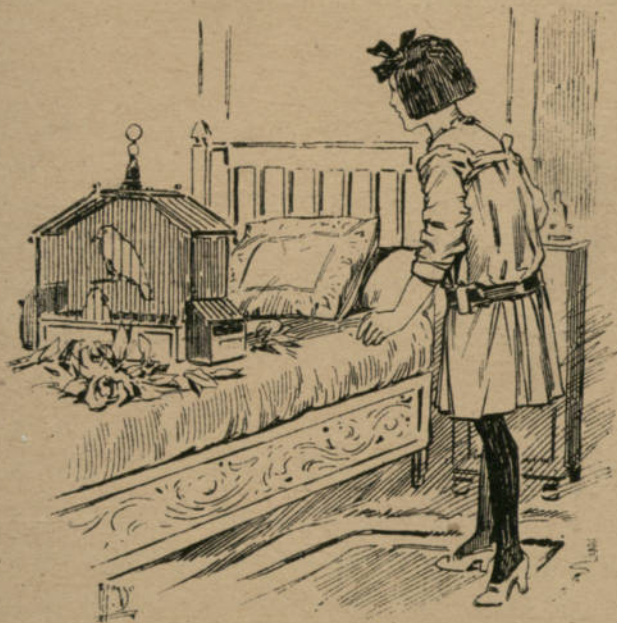
A alegria de Mimi chegou ao auge. Esqueceram-se das horas e ficariam sem ir ver os palhaços; se Germano Valadares, sempre cuidadoso, lhes não desse o sinal de partida.

Quando chegaram ao Coliseu, já o espectáculo estava começado, e Walter e Antonet simulavam um duelo á pistola após uma troca de bofetadas e de insultos. As gargalhadas estalavam de todos os lados e os aplausos eram ruidosos. Depois apareceu uma linda rapariga, de origem belga, jogando o *Diavolo* primorosamente; êste número foi muito aplaudido, mas não agradou a Mimi que estava habituada a vê-lo jogar a uma de suas primas com perfeição idêntica. Vieram os cavalos e com êles voltaram os palhaços: Uma mulher, jovem e bela, furava arcos de papel saltando sôbre um hanoveriano completamente branco, enquanto no chão um palhaço ensinava um macaco montado num cão a imitá-la e dizia para o público na sua língua de trapos:

— Vejam, sinhóres, vejam: o Jacó sabe muito

melhor dar saltinhos que *mamgele*; êle e su grande cavalo merecem muito mais palmas.

E fazia esgares e momices que conservavam a plateia em constante hilaridade.



...uma gaiola doirada...

A noite passou-se rapidamente e quando Mimi voltou a casa, ao meter-se na cama, encontrou no seu leitosinho, entre um lindo ramo de rosas brancas, uma gaiola doirada com duas formosas rôlas, presentes dos criados e do jardineiro. O sono, depois dum dia destes, foi de chumbo, e Mimi teve a colorir-lhe

os sonhos o reflexo da generosidade das suas nobres acções. Viu as criancinhas que durante o dia tornara felizes, virem beijá-la risonhas e agradecidas, oferecendo-lhe as flôres e as rôlas que encontrara sôbre a cama.

Que boa noite !

\*

Eram quási dez horas da manhã quando Mimi acordou. A criada que lhe veio abrir as janelas do quarto, fêz-lhe notar o que ela não vira na véspera : um papelinho dobrado, pregado com um alfinete muito bonito na coberta de sêda côr de camarão da sua cama. Curiosa, desdobrou-o e leu :

O que dizem  
as rôlas



Fomos bem ensinadinhas  
Pelo Manoel jardineiro,  
E também pelas criadas  
Com auxílio do cocheiro.

Sabemos dar um beijinho,  
Puxar um balde co'o bico,  
E fazer as mil gracinhas  
Que faz qualquer passarico.

A mais pequena é Lálá,  
A maiorzinha Lúlú :  
Cantamos os teus louvores  
Ao dizer—*tu-tu-tu-ru,*  
*Tu-'u-ru,*  
*Tu-tu-ru.*

Podes abrir-nos a porta,  
Não desejamos fugir,  
A cabeça é pequenina,  
Mas bem sabe discernir :

¿Quem nos faria mimiños  
Como nos fazia o Chico?  
¿Quem nos traria migalhas  
Para regalo do bico?

A mais pequena é Lálá,  
A maiorzinha Lúlú :  
Cantamos os teus louvores  
Ao dizer—*tu-tu-tu-ru,*  
*Tu-tu-ru,*  
*Tu-tu-ru.*

Deram-me gravata azul  
Para que me aches mais linda :  
Mas Lálá vem mais tãful,  
Pôs-lhe o seu laço Ermelinda.

Eu trocava a gravatinha  
Com a de minha mulher.  
Invejo sempre o fitilho  
Diverso do que eu tiver.

A mais pequena é Lálá.  
A maiorzinha Lúlú

Cantamos os teus louvores  
Ao dizer—*tu-tu-tu-ru*,  
*Tu-tu ru*,  
*Tu-tu-ru*.

Quem nos deu casa doirada  
Foi Claudina, a governante,  
E quem te escreve êstes versos  
E' um pequeno estudante.

Somos bem educadinhas,  
Não sujamos no tapete.  
Podes abrir-nos a porta,  
Trazemos-te um ramilhete.

—Olha, o meu nome é Lálá  
—Eu cá, chamo-me Lúlú.  
Faz-nos festinha, ouvirás  
Dizêrmos-te: *tu-tu-ru*.  
*Tu-tu-ru*,  
*Tu-tu-ru*.

Mimi riu muito com os versos, feitos pelo seu pequeno protegido, filho do cozinheiro, que era um estudante aplicado e andava no liceu há cinco anos; depois pediu a Ermelinda que lhe trouxesse a gaiola com as rôlas e as rosas, que encontrara com ela, sobre a cama.

— Pois sim, menina, mas primeiro vista-se. A

mamã recomendou que não queria que apanhasse frio.

Só então Mimi notou uma bata de sêda vermelha



...cingiu a cintura...

e uns pequeninos pantufos de igual tecido, colocados  
sôbre a cadeira que estava aos pés da sua cama,  
onde Ermelinda se costumava sentar o dia inteiro



quando qualquer achaque a prendia no leito. Soltou um grito de alegria e começou a calçar-se e a vestir-se rápidamente. Logo que envergou a bata, imitação em pequena da que vestia seu pai, correu ao espelho do guarda-fato, em frente do qual cingiu a cintura no grosso cordão com borlas de sêda. A imagem que o espelho reflectia, era feia, mas engraçada. Habituada a ver-se, a pequerrucha não percebia que era tão pouco favorecida pela natureza, mas a sua intelligência, precocemente desenvolvida, notou o tom levemente irónico em que a criada exclamara :

—Está linda!

Corou fortemente e, olhando-a sem resentimento, disse :

—Tens razão, Ermelinda; fui estúpida vindo ver-me, visto que não há em mim nada que mereça atenção.

E, com leve amargura, ajuntou :

—Só o vestido.

A criada, que era bôa, e além disso receava perder o lugar, o que seria fatal se D. Alda ou o marido soubessem do caso, fez-se vermelha por sua vez, e afirmou :

—A menina enganou-se na intenção das minhas palavras. Eu nunca ousaria . . .

—Não mintas, Ermelinda. Julgaste-me mais tola do que sou. Eu não contarei a lição que me deste a ninguém, mas garanto-te que me aproveitará : é sempre estupidez a vaidade, sobretudo quando, como eu, se não deve nada á beleza.

Ermelinda baixou os olhos envergonhada, torcendo entre os dedos a renda que ornava o seu aventalinho branco. Para lhe pôr termo ao embaraço, Mimi pediu :

— Já posso ter as rôlas?

A criada apressou-se a ir buscá-las e perguntou, pousando a gaiola sôbre a mesa que estava em frente da janela :

— Quer que lhe mostre as habilidades delas, menina?

— Pois sim.

Então Ermelinda abriu a porta da gaiola : as rôlas saíram dela com passo senhoril e percorreram o quarto em tôdas as direcções; depois ensaiaram vários vôos e, á voz de Ermelinda, correram a pousar-lhe no ombro. Esta levou-as perto da janela e mostrou-lhes um caixote pequeno, pintado de vermelho.

— Vêem, meninos? Ali é que se faz.

As rôlas, talvez para mostrar que entendiam, utilizaram-no logo, o que fêz rir imenso a sua dona.

Tendo-lhe assistido a tôdas as habilidades, Mimi fêz colocar nas jarras do seu toucador as lindas rosas brancas, e levando uma rôla no ombro e outra na mão, foi ter com seus pais, que a receberam com grande affecto e acharam muito gentis as duas avesitas e as suas graças. Mimi, enquanto falava, ia pensando :

— Para êstes é que eu não sou feia. Coitadinhos! que pena êles teriam se soubessem como me descon-

sola a maldade e o desdêm dos outros. Mas não lho direi.

E Mimi mostrou-se radiante e quis que a deixas-



...levando uma rôla no ombro...

sem ir para a mesa do almoço naquele traje.

— Mas isso é só para o levantar da cama.

— Bem sei, mas eu gosto tanto dele...

Os pais sorriram satisfeitos e Mimi fêz a sua vontade.

Estava o almoço em mais de meio quando se sentiu ruído na escada e murmúrio de vozes. D. Alda e Germano trocaram um olhar de contrariedade. Mimi exclamou :

—Aí vem a tia Leonor e as primas.

De facto a porta abriu-se e a irmã de D. Alda entrou seguida das tres filhas. Eram esbeltas, elegantes, formosas, com o ar de saúde exuberante, mas havia nos seus rostos infantis um não sei quê que denotava a mediocridade da intelligência. Há um género de beleza que arranca geralmente esta exclamação a quem a contempla : «Que linda criatura ! Mas aquella cabeça deve ser incapaz duma ideia côm geito». Era dêste género a beleza das primas de Mimi, Joana, Clara e Lúcia.

—¿Então onde foi hontem a ida? perguntou D. Leonor após os cumprimentos usuais.

—Jantámos fora e á noite fomos ao Coliseu, respondeu Germano.

As pequenas trocaram entre si olhares invejosos. A fortuna dos pais de Mimi vinha dos Valadares ; os Mendonças, de onde descendia D. Alda, bem que muito distinctos, eram pobres. As duas irmãs haviam casado com grande desigualdade de haveres. Jorge de Lemos, marido de D. Leonor, tinha um excelente emprêgo num dos bancos mais afamados da capital e vivia desafogadamente apesar de sustentar a sua mãe e

de ter tres filhas; mas não podia rivalisar em luxo e elegância com o cunhado, que dispunha duma enorme fortuna. Daqui nasceu, no espirito acanhado de D. Leonor, um forte sentimento de inveja que insensatamente, pelos seus ditos e observações, ela comunicou ás filhas. que o manifestavam com freqüência, porque as crianças não sabem com facilidade ocultar o que sentem.

—Pois nós viemos hontem trazer-te a nossa lembrança e ficámos com imensa pena de te não encontrar. Mas como os dias solenes teem vésperas e oitavários, cá vimos hoje dar-te um abraço e desejarmos-te tôdas as felicidades de que és digna.

Mimi ergueu-se da cadeira para receber o embrulho que a tia lhe estendia, e as primas, que só então repararam no seu vestuário, soltaram uma exclamação unisona:

—Ai que lindo! que engraçado! O' mamã, faça-nos um assim.

D. Leonor mordeu os beiços e respondeu levemente irritada:

—Vocês não podem ver nada que não desejem. Onde iria eu parar se vos satisfizesse todos os caprichos? Realmente êste traje, para o levantar da cama, é muito interessante, mas eu consentia lá que fôsem para a mesa do almoço neste estado! Isso é bom para a Mimi que é doentinha, e que por êsse motivo vê satisfeitos todos os caprichos.

Mimi corou. Apesar de muito criança percebeu a

intenção malévola das palavras da tia, e, sem se desconcertar, respondeu com naturalidade :

—Nem eu mesma, apesar de estar em condições especiais de saúde, venho almoçar assim. Foi hoje



Esta desfêz o volume. . .

por excepção: acordei tarde porque me deitei fora de horas e não quis fazer esperar os meus pais, nem almoçar sem êles.

D. Alda e Germano ficaram orgulhosos da sensata resposta de Mimi. Esta desfêz o volume e, dentro duma caixa de papelão, encontrou um lindo casaco.

de veludo, todo forrado de peles com regalo e boina igual. Era um presente superior ás posses dos tios de Mimi, mas êles sabiam que não perdiam nada com isso, porquanto Alda os enchia, durante o ano, de mil cousas que não podiam adquirir e muito agradáveis lhes eram. Os invejosos são assim: sempre calculistas e incapazes dum gesto generoso ou desinteressado.

As primas ofereceram também as suas prendas. Eram cousas feitas por elas, tendo tudo sempre em vista um fingido interêsse e a frase, para ela e para seus pais tão profundamente antipática: «Como és doentinha...» Joana deu-lhe um chale de malha, Clara uma elegante *chancellière*, cujo nome portuguez *abafador* ninguêem usa, nem sabe o que é, e Lúcia uma touca de muito bom gôsto, para os seus passeios matinaes no jardim.

Mimi elogiou imenso as obras das primas e, quando terminou o almôço, foi, a pedido delas, mostrar-lhes os presentes que havia recebido. As pequenas estavam maravilhadas, mas quando viram as duas rôlas, ficaram loucas de entusiasmo a tal ponto que Mimi prometeu-lhes que pediria ao jardineiro para lhes ensinar umas para elas. Leram os versos, e um bocado depois, tendo introduzido a letra num estilo popular, então em voga, ouviam-nas na casa de jantar, onde os pais haviam ficado ainda conversando, imitar as rôlas cantando:

*Tu-tu-ru*

*Tu-tu-ru.*

Retiraram-se enfim as visitas, e pelo caminho iam as pequenas contando á mãe os bonitos que haviam visto.

—Muito feliz é a Mimi! exclamou Clara com um suspiro; que lindos bonecos! que formosos fatos!

—O que eu mais lhe invejo é o quarto. Como gostava de ter um quarto, só para mim, tão ricamente mobilado como aquele, observou Joana.

—Pois eu, exclamou Lúcia com mau humor, se para ter tal sorte precisasse de ter também aquela figura de lombriga e aquele ar de lesma, preferia antes ser e estar assim como estou e sou.

—Tens razão, aprovou a mãe. Não há nada mais triste do que a enfermidade. Viver no constante receio da morte é uma cousa terrível.

—Pois sim, mas não estudar, notou a preguiçosa Clara, ter bonitos livros de histórias e passar a vida, embora curta, a realizar a sua vontade e os seus caprichos, é preferível a tudo.

—E ver ao espelho uma cara daquelas? Também achas agradável?

—Decerto. Tu imaginas que ela se vê com os olhos com que os outros a vêem? Uma porteira que houve em tempo no consulado de Itália, era feia, vesga, e porca a meter mêdo; contava o pai que um dia lhe deram um chapéu e, vendo-se num caco de espelho, dizia, pondo-o e mirando-se e remirando-se: «Muito linda sou! O ôlho tortinho até me dá graça. Tivesse eu luxo que metia tôda essa Lisboa num chinelo».



—Bem me lembro dela, disse D. Leonor sorrindo, chamavam-lhe Sinfrónia.



...vestindo os presentes dos tios ..

— Pois como a Sinfrónia pensam quasi todos os estafermos. ¿Não te lembras, Lúcia, daquela pequena Negrão que ficava ao pé de mim no colégio?

—Lembro, é verdade, disse a irmã.

—Era tão feia, mãe, que chegava a causar pásmo e estava sempre a falar na fealdade dos outros.

—Todos vêem o argueiro nos olhos dos vizinhos e não vêem o cavaleiro no seu. A mim o que me faz zanga é que, com o dinheiro que naquela casa se dispense em asneiras, sustentavam-se á grande duas famílias. Vocês não imaginam como a vida era agradável em casa dos tios antes de Mimi nascer. Davam bailes, jantares, festas a propósito de tudo: desde que apareceu aquele enguiço parece que perderam a vontade de se divertirem: não pensam senão nela.

—Talvez se a prima morresse...

—Deus nos livre! Com o génio de Alda eram capazes de ir viver para o estrangeiro e que transtôrno isso nos fazia.

Emquanto D. Leonor e suas filhas se afastavam, conversando assim, perguntava Germano Valadares a Mimi:

—Dize-me cá, minha jóia, disseste a tuas primas alguma cousa acêrca dos teus projectos?

—Não, meu pai. Elas queriam associar-se á minha obra, o que seria um tormento constante para mim. Parece ingratidão, mas não é: quanto menos convivermos, melhor.

E aqui está como as próprias consequências da malevolência que a inveja inspira, castigam os invejosos. Mimi era bôa e generosa, sempre pronta a satisfazer os desejos alheios e a privar-se das suas

cousas a favor dos outros. As primas teriam tudo a ganhar em a não ferir; mas como não podiam dominar os ímpetos da inveja, viam-se por ela privadas duma intimidade que tantas vantagens lhes traria.



Grupos de criancinhas aglomeravam-se ao portão

D. Alda julgando adivinhar os pensamentos da filha, disse:

—Hei de notar á Leonor que me não é agradável que estejam sempre a falar-te em doença, tanto mais que, graças a Deus, tu raras vezes adoeces: ser fraca não é ser doente.

— Não faça tal, mãesinha, não mostre que se incomoda. A tia é como as primas, ou estas são como ela: a pior partida que se lhes pode fazer, é não notar aquilo que dizem com visível intenção de ferir. Ora repare e verá.

— Bem, deixemo-las em paz, já que se foram, e vamos cuidar da nossa Escola. Vai arranjar-te.

Mimi dirigiu-se ao seu quarto e voltou daí a pouco vestindo o presente dos tios e calçando as luvas.

— Nem em tudo são maus, paisinho; o casaco é bonito e muito do meu gosto.

— Ainda bem que te agrada.

— ¿ Vamos a pé? perguntou Mimi com certo des-  
apontamento.

— Vamos, respondeu Germano. O dia está muito bonito e tu precisas de fazer algum exercício.

— Não gosto.

— Tem paciência, bem sabes que, no que toca á tua saúde, sou intransigente.

— Agradeço-lhe, paisinho.

— Aqui tens o meu braço para te apoiares, vês? Já estás quasi uma senhora. Dize adeus á tua mãe que está na janela.

— Adeus, mãesinha, exclamou a pequena, voltando-se: até logo. E acenou-lhe com a mão, ao que D. Alda correspondeu com efusão.

Haviam passado os quinze dias sôbre os anos de

Mimi. Grupos de criancinhas aglomeravam-se ao portão e o seu chilrear alegre fazia bem ao coração doído da sua pequena protectora. Abriu-se-lhes emfim o largo portão e a onda infantil invadiu os jardins. O Manoel jardineiro e dois trabalhadores vigiavam as crianças para que não subissem para os canteiros, nem arrancassem flôres ou fôlhas ás plantas. Êles, com a intuição de que não deviam pagar com mal o bem que lhes faziam, não tocaram em nada.

Chegou a hora da chamada. Foram entrando para a casa de banho como quinze dias antes, mas saíam de lá completamente outros. Vestiam todos fatos azuis escuros á maruja e bibes da mesma çôr. O cabeleireiro, justo para ir duas vezes na semana limpar-lhes as cabeças e cortar-lhes o cabelo, não á escovinha, mas pela orelha, como ás crianças ricas, transformou-lhes as cabecitas o melhor que pôde, garantindo a Mimi que dentro de mês e meio não haveria cabeça que não parecesse dum modelo do *Godefroy*. Foram ver-se ao espelho e ficaram encantados com as suas pessoas. Mimi pensava sem a inveja das primas :

—O prazer que êles teem é real, porque, apesar de pobrinhos, são todos perfeitos e bonitos.

E seguia-lhes com risonha complacência os movimentos acanhados que a satisfação de se verem bem vestidos, calçados e penteados lhes sugeria. Quando, após o jantar se retiraram, vieram buscá-los os pais ou as mães, e todos agradeceram muito a esmola que

Mimi lhes queria fazer, vestindo-os, sustentando-os e educando-os, ao mesmo tempo que os conservavam no lar para não perderem a sua afeição.

—Que menina! É um anjo de caridade. Se todos os filhos dos ricos fôsem assim, como a vida dos pobres seria diferente!

—E chamam-lhe feia! Isso é ela. Tem a boniteza da alma, que é a que Deus mais aprecia.

—Tantas bênçãos chovam sôbre ela, como de lágrimas nos poupa.

Êstes e outros dizeres foram ouvidos pelo Manoel jardineiro, que os contou [a Ermelinda, que por sua vez os repetiu, sem tirar nem pôr, á sua menina:

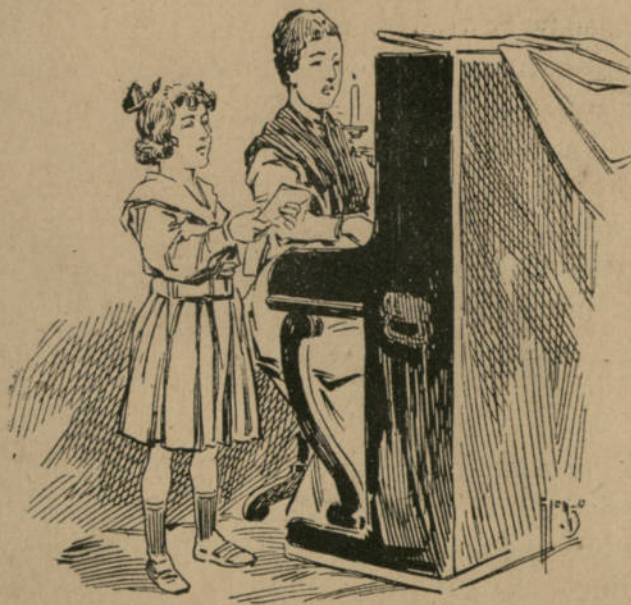
—Pobre gente, disse Mimi, estão tão pouco habituados a que pensem neles, que a mais pequena cousa lhes parece enorme.

—Pequena cousa tomar-lhes conta dos filhos nos tempos que vão correndo? A menina nem calcula o bem que faz.

No dia seguinte iniciou-se a aula. As carteiras, e todo o material, era explêndido. D. Alda cedeu mais tres salas, contíguas á de baile, para numa se fazer casa de costura e noutra oficina de marceneiro. Desenho e enfermagem teorica eram dadas na sala de baile a horas diferentes. Havia quatro professoras, dois professores e três contínuos, que eram o jardineiro e os dois trabalhadores sob as suas ordens. Ermelinda era a vigilante da sala de costura. Por êstes traba-

lhos suplementares os criados recebiam gratificações que os encheram de satisfação.

D. Alda, que tinha o curso completo do Conservatório, e era uma música distinta, arvorou-se em professora de canto coral e de piano. Germano Valadares,



... uma voz fresca e infantil que cantava. . .

não querendo mostrar menos interêsse pela obra da filha, do que sua mulher, fêz-se professor de gymnástica. A simpática instituição tornou-se o grande assunto daquela família até então ociosa, e a preocupação única da saúde de Mimi cedeu o passo a uma alegria serena, de que a pequena partilhava, contente de

se sentir livre duma observação constantemente inquietada que a oprimia, embora a sentisse solícita.

Germano escreveu a letra para o Ino da Escola e D. Alda compôz a música. Tudo isto divertia imensamente Mimi que, assistindo às aulas por prazer, ia aprendendo também, e muita vez emendava as que se enganavam, com grande espanto dos que a não viam pegar num livro: é que estava com muita atenção a tudo que diziam os professores.

No primeiro domingo, depois das aulas funcionarem, receberam a visita da família Lemos. Entrando nos jardins, D. Leonor admirou-se vendo tanta criança vestida á maruja, e, indagando do jardineiro, ouviu que eram os protegidos da menina que tinham vindo almoçar e ouvir missa na capela da casa. Mal refeita, ela e os seus, da surprêsa, viram as crianças correr para casa ao toque da sineta.

Vão ao canto, informou ainda o jardineiro.

Realmente ouviram-se quási no mesmo instante os sons dum piano e, pouco depois, uma voz fresca e infantil que cantava :

É de pequeno que o homem  
Se deve ao estudo habituar :  
As fadigas não consomem,  
Na certeza de chegar.

E o côro dizia :



E' ditosa sempre a sina  
Do que o dever compreende.  
Serve a Pátria quem ensina,  
Serve-a também quem aprende.

Rasgaremos da ignorância  
Os negros pesados véus,  
P'ra diminuir a distância  
Que existe da terra aos céus.

A voz que primeiro se fizera ouvir, voltou a entoar:

Só parando o coração,  
Param ânsias de saber.  
Diz um antigo rifão:  
*Aprender até morrer.*

Tornou o côro:

Mestres e pais, que as crianças  
A amar o estudo ensinai,  
Deus vos dê mais do que esp'ranças,  
No muito que á Pátria dais.

Quanto mais rudes os trilhos,  
Maior a glória da lida.  
E' na mente dos seus filhos  
Que as nações bebem a vida.

A voz única :

Quem ilustra pelo estudo  
A sua frágil razão,  
Prova que ama a sua terra  
D'alma, vida e coração.

Ainda o côro :

Tem tanta gloria em chegar  
Pelo estudo quem trabalha,  
Como quem colhe a vitória  
Sôbre um campo de batalha.

Louvemos a nossa terra  
De sol, que alenta e consola :  
Soltemos um viva á Pátria,  
Outro depois pela Escola.

As vozes perderam-se no espaço, acompanhadas pelos acordes do piano, e ainda D. Leonor, o marido e as filhas estavam como pregados ao chão. A primeira a recuperar a voz foi Clarinha :

— Se a tia agora se começa a entregar a actos de caridade, vai dar-nos muito menos cousas.

— Talvez não, observou Lúcia, de tôdas a mais esparta; é bastante boa para não pôr os seus em primeiro lugar do que os estranhos.

— Pois sim, sim, mas o dinheiro não é elástico e

Germano, apesar de generoso, sabe-lhe bem o valor.

Jorge de Lemos, muito superior á família em sentimentos, disse á mulher :

— Não te posso ouvir a todo o momento nessa sofreguidão de apanhares á tua irmã tudo quanto podes. Louvado Deus! temos os meios suficientes para não precisar do auxflio de ninguém.

— Pois sim, disse Joana, metendo-se atrevidamente na conversa ; mas, se não fôsse a tia, teríamos só um chapéu e um vestido em cada estação.

— E bem chegava.

Discutindo assim, subiram ao primeiro andar, onde lhes fizeram um amável acolhimento.

— ¿Então que é isto, Alda? tornaste-te mestra de meninas?

— Foi uma ideia de Mimi.

— Magnifica, minha filha, afirmou o tio beijando-a. Mostras que tens um bom coração.

— Venham ver as aulas, disse Germano, contente por sentir que o cumprimento do cunhado era sincero.

E foram.

As pequenas trocavam olhares a cada passo, quando se não julgavam observadas.

D. Leonor, ao chegarem junto do piano, exclamou:

— ¡ E eu que não te pedi para dares lição ás pequenas com receio de te incomodar !

Mimi olhou aflicta para a mãe, receiando ter a miudo a companhia desagradável das primas.

D. Alda, vendo aquele olhar, respondeu :

— Pois fizeste mal, porque há muito tempo teriam lições de música ; não minhas, porque me seria desagradável ter de lhes ralhar algumas vezes, mas duma minha condiscipula que é excelente professora e que por um pedido meu iria ao fim do mundo. Que dias e horas te fazem mais conta ?

— Segundas, quartas e sextas, do meio dia ás duas :

— Está bem. Vou escrever-lhe e podes contar que para a semana já lá a tens.

E voltando-se para as sobrinhas, ajuntou :

— Aquela que fôr mais aplicada terá um prémio no fim do mês

— Hei de ser eu.

— Eu, é que sou.

Lúcia ficou calada.

— Parece-me, disse D. Alda, que quem menos fala mais faz : que dizes, Lúcia ?

— Veremos, tia, farei como as manas diligência para o merecer. Nunca pus a mão num piano, posso ter vontade, mas falta-me talvez aptidão.

— E' verdade, disse Germano, vocês não teem piano em casa. Não comprem ; para estudo não vale a pena, mando-lhes um de cá.

Satisfeitas com as lições e o prémio prometido, as pequenas não arreliaram Mimi naquele dia. Ao retirarem-se, Clarinha elogiava a mãe :

— A mamã muito esperta é ! Como nos arranjou piano e lições !

— Pudera! Havia de ser tudo para os pobres!

— Como vocês são ingratas! observou Jorge com pena. Em vez de estarem agradecidas á generosidade de sua tia, é ás suas manhas e habilidades que attribuem o beneficio recebido.

As pequenas calaram-se envergonhadas, mas D. Leonor picou-se de sentir a justiça da observação e retorquiulhe:

— Já tenho notado que, para ti, Alda tem tôdas as virtudes e eu todos os defeitos.

— Não é para mim, é para tôda a gente. Tu herdaste a beleza de tua mãe e o seu génio invejoso. Ela não é bonita como tu, mas tem o carácter sério, bondoso e reflectido de teu pai.

Aplacada pelo elogio indirecto á sua superioridade física sôbre a irmã, D. Leonor, já socegada, voltou, sorrindo:

— Insuperável, como quasi todos os genros, trazes para a contenda o génio da minha mãe. ¿A que propósito?

— Penitencio-me e retiro a frase, tanto mais que, depois de dita, foi ouvida, e a insistência numa afirmação exacta, mas pouco lisongeira, é descortês.

— Incorrigível!

— E tu?

— Não questionemos.

Tens razão, é um mau exemplo que tua irmã e teu cunhado nunca dão á filha.

D. Leonor ia responder, de novo abespinhada, mas

Lúcia puxou-lhe brandamente a manga do vestido, lançando-lhe um olhar suplicante.

A mãe calou-se e seguiu até casa sem dizer mais palavra.

Jorge de Lemos, notando que a mulher estava amuada, seguiu conversando com as filhas.

E' muito simpática a ideia da Mimi. Aquela pequena tem um espírito de eleição. Contou-me o pai que cada criança tem um mealheiro na sua carteira, porque ás semanas fazem a limpeza da aula, sob a direcção de Ermelinda, e êsse trabalho é pago, assim como o dos canteiros do jardim sob a direcção do Manoel; e de todos os trabalhos de costura e marcenaria, logo que os produzam em estado de venda, deduz-se a despesa do material e o resto é deles; mas só no fim do ano, pelo Natal, se abrirá o mealheiro. A somma contida nele será depositada no Monte-Pio para os pequenos a receberem ao chegar á maioridade.

Teem assim ao entrar na vida um capitalsinho, embora pequeno, ganho á custa do próprio esforço.

—Essa ideia com tôda a certeza que não é da Mimi; como a poderia ela ter se não sabe nada dessas cousas de dinheiro? disse Clarinha com azedume

Pois a ideia foi dela: o pai não fêz senão aperfeiçoar-lha. Ela é que lembrou que o trabalho das crianças poderia ser pago, o que para elas seria de certo um estímulo.

—Isso é, com certeza, afirmou Lúcia. Se no colê-

gio me pagassem o trabalho de costura. eu produziria o dôbro e procuraria decerto fazer muito melhor.

—Pois eu, não, afirmou Clarinha. Não tenho vocação para costureira.

E tu? perguntou o pai a Joana.

—Parece-me que faria como a Lúcia.

—Pois bem. Eu acho soberba a ideia da Mimi.

Vocês vão levar para o colégio, uma, uma camisa, e a outra um par de ceroulas. Eu pago o seu trabalho quando estiver feito, pelo preço da melhor camisaria. Se ele fôr perfeito, ficará para meu uso, senão dá-lo-hei a quem me parecer.

—E o dinheiro?

Terão dois mealheiros que se quebrarão no Natal.

E percebendo que as filhas precisavam dum estímulo diferente para trabalhar com vontade, ajuntou:

—A quantia que estiver dentro será aplicada a comprarem qualquer objecto à sua escolha.

—E eu? disse Clarinha.

—Tu? Não terás nada, visto que não tens vocação para costureira. Só ganha quem trabalha.

Mas eu podia fazer-lhe um colete de malha, sugeriu Clarinha véxada.

—Está dito. Então terás também o teu mealheiro.

—As ideias de Mimi fructificam! disse com grande ironia D. Leonor.

—E' porque são boas, volveu Jorge de Lemos, fingindo não atentar no tom de voz em que sua mulher falara.

—Não há dúvida, exclamaram as pequenas, saltando de contentes; pelo menos estas já nos renderam duas vantagens: o piano e as lições.

—Se contarem bem, acharão mais duas, disse Lúcia.

—Quais? perguntaram a um tempo Clara e Joana.

—O trabalho pago e as rôlas ensinadas.

—Ora, as rôlas ainda não vieram.

—Mas estão prometidas e tenho notado que Mimi, quando prometê, não falta.

—E' como a mãe: um compêndio de virtudes, disse ainda D. Leonor no mesmo tom.

—Exactamente, porque paga a má vontade que lhes teem, fazendo todo o bem que pode, concluiu Jorge de Lemos.

Haviam chegado a casa. As pequenas foram contar ás criadas que iam ter um mealheiro e o modo pelo qual o tencionavam encher, e D. Leonor, tirando o chapéu, compôs o cabelo ao espelho e, pegando num livro, sentou-se na preguiceira que tinha no quarto, na visível intenção de não falar com o marido. Êste fêz um cigarro, tamborilou nos vidros, olhou duas vezes para a mulher e, reconhecendo na sua attitude que ela não estava disposta a conversas, tornou a pegar no chapéu e na bengala e foi até ao Grémio, murmurando descontente:

—O que pode a inveja! Como Leonor, uma rapariga interessante, se torna profundamente desagradável quando êsse terrível sentimento se lhe desenca-



deia na alma! É triste. E a Clara, se não mudar, é exactamente a mãe.

E Jorge de Lemos soltou um suspiro de mágoa



Este fez um cigarro...

por ver que era incurável o mal da mulher, mal que inesperadamente, de um instante para o outro, lhe tornava a casa verdadeiramente insuportável. Reconhecer grandes defeitos nos entes que amamos, é uma das

grandes dores reservadas aos corações bem formados quando, como Jorge de Lemos, não estudam convenientemente as pessoas e se ligam levianamente a elas sem bem as conhecer. Os ditados são a sabedoria das Nações e há um que diz: «Antes que cases olha o que fazes»; foi o que êle não fêz e por isso agora suspirava e ia para o Grémio quando desejava ficar em casa.

No palácio da rua de S. Marçal as cousas passavam-se de outra forma. D. Alda, sentada ao piano, tendo de um lado a filha e do outro o marido, procurava achar música para uns versos que Germano queria que as crianças cantassem. Era um côro. Êle gostava de ouvir as vozes infantís das criancinhas, mas não cantando fados nem trechos de revistas pouco próprios para os seus verdes anos.

A letra dizia assim :

É saber muito que aneia  
A criança que se eleva  
E quer aos pais agradar.  
Nunca é demais quanto leia,  
Pois dêste abismo de treva  
Só sái bem o que estudar :  
Queiramos ver a distância  
E melhor, sem ter jactância  
Servir aos outros de guia,  
E, sem andar á porfia,  
Por nossa vez ensinar,

Porque rasgar horisontes  
É pôr glória em muitas fronte  
Que as nações hão de ilustrar.

A novidade, irrompendo  
Para nós a cada instante.  
A tudo dá nova côr :  
Lembra o sol que vem nascendo  
E torna tudo brilhante  
Aos raios do seu esplendor :  
Pois cada dia que passa  
Empresta ás cousas mais graça  
Porque a mente esclarecida  
A tudo, da própria vida,  
Comunica o seu calor,  
E discute com firmeza  
Tudo aquilo em que certeza  
Nos consente o Criador.

Até que emfim D. Alda achou o estilo apropriado. Germano e Mimi, acompanhados por ela, ensaiaram o canto entre risos porque esta última desafinava freqüentemente. Depois de várias tentativas conseguiram chegar ao fim, mas houve um ponto onde Mimi embirrava sempre dando um guincho, que fazia o pai tapar os ouvidos com ambas as mãos.

Entraram visitas, para Germano e a música foi interrompida. D. Alda mandou Ermelinda levar as jar-

ras para a mesa de pedra do jardim e dirigiu-se para ali com a filha.

Pelo caminho Mimi ia sempre tagarelando.

— ¿Sabe uma cousa de que eu gostava muito, minha mãe?

— Dize.

— Era de fazer uma festa da árvore ás crianças da minha escola.

— É uma idea muito exequível.

— ¿Como, se no jardim já não há sitio algum em que se possam pôr mais árvores sem prejudicar as que lá estão?

— ¿Então para que nos serve a quinta de Bemfica?

— ¿O papá deixará?

— Com tôda a certeza.

— ¿Que árvores é que desejas plantar?

— Cerdeiras.

— E' uma árvore bonita e útil, mas que leva tempo a desenvolver.

— ¿Quando podem dar fructo?

— Aos dez anos pouco mais ou menos.

— Isso é muito tempo. Eu não queria que demorasse tanto.

— Pois sim, mas isso não é cousa que possa depender da tua ou da minha vontade; e mais: só atinge o máximo de producção dos vinte aos quarenta anos.

— E' metade da vida duma pessoa.

— Conforme. Há vidas mais curtas e mais longas.

— Não quero cerejeiras, a não ser que as possa comprar já crescidas de modo que não demorem a dar fruto. ; E, possível?

— E', mas fica caro e não tem a graça de se plantar a árvore pequenina e de a ver desenvolver a pouco e pouco.

— ; Mas não há árvores que frutifiquem mais cedo?

— ; Então não há de haver?

— Quais?

— O pessegueiro por exemplo, que dá frutos tão saborosos, começa a produzir dos tres aos cinco anos. A nespereira que dá fruto ao fim de tres em abundância, a amendoeira dos 6 aos 8, etc.

— Amendoeira não quero. E' muito linda em flôr, mas não gosto do fruto. Farece-me que planto os pessegueiros.

— Não escolhes mal. Os seus frutos são dos melhores e, tanto frescos como em doce, são ótimos. Depois, o seu preço não é muito acessivel aos pobres. . .

— Então é mais uma razão: poderei dar-lhes o que não lhes é fácil obter.

— Exactamente.

— Eu também gostava de plantar marmeleiros. ; Quanto tempo leva um marmeleiro sem dar fruto?

— Não estou certa, minha filha, mas pergunta ao Manuel: essa árvore também era boa. O marmelo tem muitas applicações úteis.

— Eu gosto muito da marmelada.

- ¿E do marmelo assado?  
— Também é bom, mas a marmelada é melhor.  
— ¿E verde?



cortando êle as flores...

— Verde, não presta. A gente do campo mete o marmelo entre roupa para a perfumar. Também lá

fora, nos sítios onde a cultura do marmelo é mais abundante, pisam-nos, fermentam-nos e fazem deles uma espécie de cidra aromática que, destilada, dá uma aguardente, de sabor agradável, chamada ratafia.

— ; A mãesinha já provou?

— Não, mas tenho lido. Eu não gosto de bebidas alcoólicas. ; Que flores vais pôr nas jarras, Mimi?

— As que o Manuel tiver cortado. Mandei-lhe dizer pela Ermelinda que me abreviasse a tarefa cortando êle as flores.

— ; Porquê?

— Percebi que o pobre homem ficava desgostoso quando eu lhe sacrificava alguma preferida ; ora como eu não posso adivinhar . . .

D. Alda teve um gesto de contrariedade e disse :

— E' dever ser bom, mas não tanto, Mimi. Eu não tenho flores senão para ter o prazer de ornar as salas com elas e o jardineiro não me serve para mais do que para tratar os arbustos e plantas de modo a proporcionar-me êsse prazer com a máxima frequência possível. Não é pois justo que tu deixes de apanhar flores por causa dêle.

— O Manuel tem grande parte na minha decisão, confesso ; mas além disso custa-me a apanhar uma flor : e abreviar-lhe a vida : ; sabe, minha mãe? pôr uma rosa em água para que não murche, faz-me o efeito duma crueldade ; parece-me que é prolongar uma agonia na certeza da morte, só para alegrar os nossos olhos : repugna-me.

— E' um exagêro da tua sensibilidade doentia, mas se a consciência te diz isso, procede em harmonia com ela: eu arranjarei daqui em diante as minhas jarras.

— E não fica contrariada com isso, mãesinha?

— Não. Embora a não partilhe, compreendo a razão que dita a tua conduta e prefiro que não tenhas ânimo de fazer mal às plantas a que as arranques e pises sem piedade.

— Sabe, mamã, o Manuel ensinou-me há dias que as plantas teem sensibilidade. Mostrou-me uma planta que se retrai à aproximação da mão, outra que se volta para a luz, etc.: teem vida e morrem como nós; esta certeza tirou-me o ânimo de lhes fazer mal, tanto mais que se não podem defender.

— Se todos fizéssemos êsse raciocínio acabariamos por morrer porque ninguém comeria nada. Lembra-me agora um episódio passado há uns poucos de anos.

— Conte, mãesinha, conte.

— Então senta-te aí e escuta enquanto eu arranjo as flores.

Mimi obedeceu e D. Alda começou assim:





## OLHAR DO COELHO

Eram tres à mesa: Nicolina, Magda e eu. Elas no outono da vida, amando-a sempre: eu atingindo a tarde do meu derradeiro verão, começando a padecer da doença a que um escritor francês, M. Gerès, chama morrer de longe. A conversa corria esfusiante, espirotuosa, viva. Guardando no íntimo os meus cuidados, tentei sorrir e ri. Entregues à satisfação de nos sentirmos em harmonia de pensamentos e almas, prazer mais intenso para nós do que para outras vencer acaloradas discussões, comíamos sem reparar o quê. Nicolina, escritora de valor, era uma individualidade inconfundível. Analisava e criticava com o talento agudo e criterioso dum Paul de Saint-Victor ou dum Barbey d'Aurevilly; e Magda, música e poetisa, fizera da paz o seu ideal quando começava a despontar a guerra. Almoçávamos em casa de Nicolina que, quasi ao terminar a refeição, me disse:

— Desculpe, minha amiga, a ausência de animais nos nossos manjares. Magda só com essa condição aceitou fazer-nos companhia. Coração boníssimo, priva-se, há dez anos, de comer carne ou peixe. Quer que lhe siga o exemplo, mas anda longe de o conseguir...

— Não desisto, volveu a outra animando-se. Se um dia reparar bem nos olhos de qualquer animal, nunca mais manda matar os da sua espécie nem os come.

— Não reparei, tornou Nicolina sorrindo e em tom decidido.

Então, Magda, voltando-se para mim, quis convencer-me.

Escutei-a com deferente atenção e, para comprar, respondi:

— Hei de tentar.

Depois nunca mais pensei nisso. Um dia, descendo a Avenida Duque de Loulé, deparei com uma scena simples e cruel. Á porta dum prédio-viveiro, jazia por terra um pau, no qual, enfiados pelas patas trazeiras, ligadas com ourelo, se viam coelhos vivos e mortos. O seu proprietário, tendo vendido um lindo coelho preto, matara-o e esfolara-o rápidamente ali. Em seguida, limpando as mãos ensangüentadas a um trapo sujo, pendurou a pele do lado e no extremo da vara de que pendia a criação morta, entregando depois à fregueza o trôco da nota que lhe havia dado para se pagar.

Por acaso fitei o olhar dum dos animais vivos. Havia nele uma expressão de inteligência quasi humana, cheia de resignação apavorada, visinha da dor que já não tem lágrimas e se sente impotente contra a atrocidade do destino.

O coração pulsou-me apressado. Não sou piegas, bem sabes, mas nesse momento, sofri. Sem reflectir no que a minha conduta tinha de estranho, pedi áquele inconsciente malvado que nunca mais vendesse mortos e vivos no mesmo dia e lançou um pano sobre os pobres animais para que não vissem a morte dos companheiros.

Ele e a compradora desataram a rir.

— Não tinha eu mais que fazer! respondeu-me o grosseirão.

Afastei-me triste e vexada, numa sublevação completa do meu íntimo contra a brutalidade.

Lembrou-me nêsse instante o dito de Magda: «se reparar bem no olhar de qualquer animal, nunca mais manda matar os da sua espécie nem os come».

Sou selvagem, confesso: continuo comendo coelhos, mas desde então, é difficil arrancarem-me uma sentença de morte. E' que o olhar daquelle animal gravou-se-me na memória com a tenacidade das cousas que inesperadamente nos comovem muitissimo. Ora aqui tens, Mimi, uma pieguice semelhante á tua; mas pus-lhe cõbro entregando á governante o direito de vida e morte sobre todos os habitantes da capoeira.

Foi o mesmo que fizeste com as flores: O Manuel é quem as sentenciava.

— E' interessante a tua história, mãesinha, mas esqueces-te de que sou pequena e serves-te de termos que eu não percebo bem.

— Sim? Então porque não perguntaste?

— Não queria interromper-te.

— E's por instinto bem educada. ; Vejamos o que foi que não percebeste no que eu disse?

— Dissestes que as tuas amigas estavam no outono e tu no verão. São estações tão diferentes...

D. Alda pôs-se a rir:

— São expressões figuradas. Dizer que uma pessoa está no outono da vida quer dizer que vai entrar na velhice; no verão, na quadra da plenitude da vida; na primavera, na juventude. Percebeste?

— Sim. Falaste depois em Paul de Saint-Victor e Barbey d'Aureville...

— Dois escritores notáveis a quem comparei Nicolina pelo bem que ela sabe criticar.

— ; O que é criticar?

— Censurar, analisar, os homens e as suas obras.

— ; O que é um escritor criterioso?

— É um homem cujo raciocínio tem a faculdade de desvendar verdades. Olha, aí vem teu pai. As jarras já estão prontas. Vamos ao seu encontro.

E foram.

No dia seguinte, ao recreio, Mimi, que gostara do caso do coelho que na véspera a mãe lhe contara,

preguntou ao pai se não sabia uma história de animais que lhe narrasse. O pai respondeu-lhe:

— Agora não; é melhor divertires-te a ver brincar os teus protegidos; mas depois de jantar, se te não der o sono, prometo inventar-te uma história de gatos...

Mimi não insistiu e, para se consolar de não satisfazer os seus desejos, contou aos pequerruchos o conto que ouvira na véspera

Laurinha, uma pequena franzina e raquítica que também não podia correr, e que pela sua fraca compleição inspirava a Mimi mais simpatia do que as outras comoveu-se ouvindo-a e observou-lhe:

— Isso não é novidade para mim, menina Maria. A minha tia tem um burro, que anda com ela na venda da hortaliça e é tão inteligente, que sabe todos os sítios onde ela pára e obedece-lhe á voz. Ela nunca lhe deu pancada. Ha meses, sentindo-se muito doente e não podendo faltar á venda por lhe fazer transtôrno, teve uma idea. Escreveu um bilhete aos freguezes pedindo-lhes que pagassem ao burro e pregou-o na testa do animal. Êle lá foi á venda sósinho e voltou a casa sem a hortaliça e trazendo o dinheiro.

— ; Mas como sabia êle pedir a cada um a importância que lhe devia dar em troca das couves?

— Cada molho ia sobrescritado para cada freguês e com o menos preço marcado. Como a minha tia é pessoa conscienciosa e os seus fregueses são todos de muitos anos, tiveram dó dela e pagaram ao burro.

— Tem graça!

— Mas o melhor é que um gatuno, quando o burro regressava a casa, quis roubá-lo. Êle presentindo a maroteira, porque era na própria rua da recolha onde não havia nenhum freguês, deu-lhe tal parelha de coices que o deixou em mau estado. O que valeu é que o polícia que acudiu, era visinho da tia e bom homem: deu o gatuno por castigado com os coi-



... tal parelha de coices...

ces e trouxe o burro á tia pela rédea, recomendando-lhe que não tornasse a deixá-lo ir á venda só, se não queria pagar uma multa.

Mimi achou muito extraordinário êste facto e foi a correr contá-lo aos pais.

Ao jantar discutiu-se a festa da árvore e ficou assente que se celebraria na quinta de Bemfica, no primeiro de maio, e que a ela assistiriam tôdas as crianças, alugando-se um eléctrico para o seu transporte.

Mimi lembrou-se de fazer nesse dia uma rifa de objectos úteis, dum fogo de artifício à noite e de vários divertimentos. Todos foram aprovados; apenas o fogo sofreu a modificação de ser lançado ao regresso nos jardins do palácio, para que a retirada se não effectuasse de noite, o que seria desagradável. Jorge de Lemos, que apparecera à sobremesa, pediu para se associar a essa festa com a familia, o que lhe não foi negado por o não poder ser sem indelicadeza.

Mimi, muito contente, não se lembrava de se queixar e os pais, vendo-a alegre, pensavam que Deus os compensava da sua caridade dando satisfação e saúde à sua querida Mimi.

— São quasi nove e meia, disse D. Alda. Vai-te deitar, minha filha.

— Não posso, mãesinha. Estou à espera que o papá cumpra uma promessa.

— Qual?

— A de contar a história duns gatos.

— Delego na tua mãe a satisfação do compromisso. Tenho de sair com o tio Jorge.

— A mãe aceita?

— Que remédio! mas é bom não abusarem da minha condescendência...

— E' só por esta vez, pediu Mimi.

— Pois bem, vá lá.

E depois de acompanharem à escada os dois homens, voltaram para junto da mesa e a mãe annunciou:

— Vou contar-te: a história dos Três Mosqueteiros. Mimi acomodou-se para ouvir e D. Alda continuou:

Branquinha, a gata querida da Morgada do Eiró, perseguida pelos assíduos galanteios do Tareco, um mata-ratos, cujas façanhas eram apregoadas em toda a aldeia, casou e teve três filhos. Vieram à luz numa tempestuosa noite de abril em que o vento, uivando como fera embravecida, parecia querer destruir as casas da povoação, arrancando no seu furor algumas árvores ainda jovens. A chuva torrencial engrossava as águas da levada, correndo perto da porta da cozinha, as quais, ouvidas, pareciam queixas descontentes e magoadas da velocidade que as arrastava. Junto da lareira, deitada num cêsto forrado de palha, Branquinha sofria e julgava que o mundo inteiro se doía do seu penar. A cozinheira, ouvindo miar dentro do cêsto, encontrou três lindos gatinhos recém-nascidos. Meteu-os no avental de riscado azul e branco e foi mostrá-los á Morgada, perguntando:

— ¿Mato algum, minha senhora?

— Não, não, respondia precipitadamente a boa velha.

E como pessoa lida em romances franceses e admiradora de Dumas pai, ajuntou:

— São os três mosqueteiros.

— ¿O que são mosqueteiros, mãesinha?

— Eram os soldados dum corpo militar que houve antigamente em França, todo recrutado entre gente



nobre. Os principais heróis dêsse romance de Dumas eram três mosqueteiros chamados Athos, Porthos e Aramis. A morgada deu aos recém-nascidos êstes nomes famosos.

— Athos tinha o pêlo tigrino, era vivo, inteligente e bravo; Porthos era amarelo, velhaco e traiçoeiro, como o Tareco que lhe dera o ser, caçador como êle e fanfarrão, fazendo gala das suas façanhas. Não comia os ratos que apanhava, mas vinha lançá-los aos pés da dona com ar vitorioso, abespinhando-se se alguém se propunha tirar-lhos. Abocava-os dum salto e punha-os a distância, deitando-se junto da prêsa a dar à cauda, olhando com ar de desafio quem lhe quisesse roubar aquilo que reputava seu pelo eterno direito da fôrça. Aramis, branco como a mãe, detestava a caça e as correrias pelos muros; era um gato aristocrático e comodista, gostando de passar longas horas no regaço da dona e preferindo dormir socegradamente aos pés da sua cama a correr aventuras pelos muros com os dois destemidos irmãos. Só êle gosava do privilégio, que a mãe nunca tivera, de comer na casa de jantar.

Um dia a Morgada morreu. Os criados foram despedidos e a casa fechada. Athos e Porthos acharam rapidamente dono, Branquinha foi levada para a cidade por uma sobrinha da defunta, e o abade hospedou Aramis.

Em vão sua reverência partilhava acepipes com o triste mosqueteiro: êle não queria comer. E, se podia escapar-se, ia rondar em volta da casa desabitada

mirando-a com desespêro. Definhava todos os dias e, uma bela manhã, em que o abade voltava da missa, encontrou-o morto debaixo da janela do quarto da Morgada. O velho baixou-se, afagou-lhe a cabeça rígida e murmurou condoído:

— Morreste de saudade! . . . Pobre animal! Eras infinitamente superior aos herdeiros, que nem lhe rezam por alma.

— Pronto, acabou-se a história. Agora vai-te deitar.

— Não gostei dela, mãesinha.

— ; Porquê, meu anjo?

— E' muito triste.

— Muito é exagêro: não será alegre, mas torna-se necessário que te habitues a saber que na vida nem tudo é côr de rosa. Seria preparares-te mal para ela supô-la uma festa continuada. A tristeza como a dor são inevitáveis na existência. E' bom fugir-lhes tanto quanto possível, mas não as devemos esquecer para nos não espantarmos quando um dia nos atingirem.

— ; Mas pensar no mal, mãesinha, não é de algum modo senti-lo?

— Não, filha, é receiá-lo e procurar precaver-mos contra êle. Se nuns casos não é possível, noutros somos nós os culpados da tristeza porque a consequência de qualquer falta é sempre o seu justo castigo; mas tu por enquanto não percebes isto, Mimi, e eu desisto de mais conversa, porque . . . ; Sabes que horas são?

— Vinte e duas, respondeu a pequena consultando o relógio de parede, colocado entre as janelas.



...com o chale pela cabeça...

E, levantando-se, tocou para Ermelinda e, abraçando a mãe e beijando-lhe a mão, foi-se deitar com o propósito duma menina bem educada, ela que fazia

o que queria e ninguém pensava nunca em contrariar. E' que quem tem boa índole e inteligência não precisa que lhe digam o que se faz ou deixa de fazer: tem o instinto do bem e guia-se por êle.

Chegou o mês de dezembro chuvoso e frio. No dia um, o tempo estava terrível. Apesar do fogão aceso, na sala da família havia desconforto. Mimi, por dentro dos vidros, via cair a chuva, aflita, dizendo à mãe:

— São quasi horas de saírem da escola as minhas pequenas e a chuva não pára.

— E' dizer-lhes que esperem um pouco. . .

— Qual! interrompeu Mimi, isso não pôde ser.

— Porquê? perguntou a mãe, fechando o livro que estava lendo e pousando-o sobre a mesa.

— Venha ver. Vem ali a mãe da Joanhinha encharcada, com o chale pela cabeça: como se há de demorar uma pessoa naquele estado? Coitadinha! Que dó com que eu estou dela! Não haverá um meio de evitar que esta pobre gente se encharque ao vir buscar os filhos?

— Não vejo muito bem como. . . a não ser que as mandasses pôr em casa de carruagem, mas isso indignaria o Vicente, e teu pai mesmo não gostaria por causa dos cavalos. . .

— É se eu dêsse a todos capas de chuva?

— E' muito dispendioso. . . tu não calculas que dinheirão se tem enterrado êste ano na escola.

— Muito, decerto, mas também foi preciso com-

prar todo o material: não havia nada. . . Mas tenho uma idea que me parece muito boa e muito justa porque remedeia muitas cousas.

—Vejamos essa idea, disse D. Alda, sorrindo contente com a satisfação que via brilhar nos olhos da filha.

—A carroça que traz as cousas à quinta é bastante grande, e, dizia o Vicente quando a foi comprar, que tinha boas molas: lembrava-me pôr-lhe bancos e uma armação de oleado com toldo e gratificar o carroceiro por êste excesso de serviço.

—Não lembras mal. Fala ao teu pai.

—E nos dias de sol, mandá-las da mesma maneira distribuir pelas casas porque, afinal, a nossa caridade não é muito perfeita visto que incomodamos gente que trabalha e precisa do seu tempo, a vir trazer e buscar os filhos. Causa-nos a nós decerto muito menos prejuizo mandá-los buscar e levar do que a êles.

—Isso com certeza.

—Mas porque é que êste pensamento não me ocorreu logo ao principio?!

—Porque ninguêem nasce ensinado. Muito fazes tu para tão pouco tempo.

—Quem me dera que o pai volte. Estou inquieta com receio de que êle me diga que não, tendo gasto tanto. . .

—Não diz, porque apesar disso, mais gastava êles nos três grandes bailes que antigamente dava anualmente.

Estavam neste ponto da conversa, quando ouviram rodar uma carruagem e parar à porta do palácio.

Mimi correu de novo para a vidraça.

—E' o paizinho e o tio Jorge.

—Vai recebê-los à escada.

Momentos depois entrou Germano trazendo Mimi pendurada no braço e seguido por Jorge que se demorara um pouco mais para se desembaraçar no vestíbulo da capa de chuva e das galochas.

—Tu não saíste preparado para êste temporal! Molhaste-te? perguntou inquieta D. Alda ao marido.

—Não apanhei nem gota de água: mandei chamar um trem e o porteiro do Banco abrigou-me sob o seu chapéu para me meter nêle.

—Não sucedeu o mesmo aos meus pobrezinhos e amanhã com certeza que mais dum estará constipado, não falando nas suas mães, algumas sem nêem um chale, que vieram buscá-los debaixo de torrentes de água. Afligi-me e pensei. . .

Nesta altura Mimi meteu a sua idea e formulou o seu pedido.

Germano consultou:

—¿E se nós guardássemos êsse melhoramento para o ano? Tem-se gasto tanto. . .

—¿Mais do que com os bailes que davas antigamente?

—Oh! isso não.

—¿Faz-te prejuizo essa despesa? perguntou ainda Mimi.

—De modo algum.

—Então já vês, paizinho, que não é justo que eu passe êste inverno affita por a minha, ou antes, a nossa caridade não ser bem feita.

—Não é bem feita!?

—Não, visto que expomos os nossos protegidos a adoecer e tiramos o tempo a quem trabalha vindo trazer e levar os filhos quando para nós isso seria um encargo insignificante.

—As ideas desta pequena encantam-me, exclamou Jorge de Lemos; dava alguma cousa, Mimí, para que as minhas filhas pensassem como tu.

—Bem, em atenção ao advogado e às razões expostas pela requerente, está deferido o seu pedido; mas como não gosto de fazer as cousas mal feitas, introduzirei um melhoramento na tua idea.

—O que é?

—Um professor de química, meu amigo, descobriu um preparado que, por um preço módico, torna as fazendas impermeáveis à água. Amanhã irás com tua mãe comprar duas ou três peças de castorina cinzenta e cortarão delas uns casacos à semelhança dos de borracha; mandam-se fazer e, quando estiverem prontos, mergulham-se na tal solução.

—Peço um a mais para o rapaz que vende o jornal da noite: é muito pequeno, doente e...

—Tenho pena dêle como de tudo, e não é assim? interrompeu Jorge galhofeiramente.

—E', disse Mimi corando.

Voltando-se depois para a mulher, Germano continuou :

—Mandas cortar os casacos com capuzes para defenderem a cabeça e dizes no Nunes Correia que te mandem galochas à amostra, não esquecendo perguntar o desconto que te fazem na compra de quarenta pares.

O criado de mesa anunciou que o jantar estava servido. Passaram à sala de jantar e a conversa correu animada como sempre que Jorge vinha a casa dos cunhados.

Quando êle se retirou, Mimi perguntou aos pais :

—Porque será que o tio é uma pessoa tão amável e boa, e a família é tão antipática e desagradável?

—E' porque o teu tio tem uma alma inacessível à inveja emquanto que ás tuas primas herdaram essa péssima qualidade de minha irmã. Vê tu o que é um sentimento máu: a tia Leonor e as primas seriam pessoas encantadoras se não fôsse a inveja.

—Quando o tio Jorge ouviu os nossos planos sabe o que eu pensei involuntariamente, mãesinha?

—Não, dize.

—Pensei que amanhã a tia Leonor e as primas viriam logo a correr saber como era o preparado químico que tornava as fazendas impermeáveis.

—Se o tio Jorge reproduzir em casa a nossa conversa, é fatal, observou Germano rindo.

D. Alda sorriu contrariada, confessando :

—Tenho um desgosto nisto . . .



Mimi lançou-se ao pescoço da mãe, abraçando-a e beijando-a:



Mimi lançou-se ao pescoço da mãe,

—Perdôa-me, mamã, perdôa-me; se te magoei foi sem querer. A tia Leonor parece-se tão pouco

contigo, que a falar esqueci-me de que era tua irmã: perdôas?

—Estás perdoada. Eu sei que eras incapaz de me ferir propositadamente. Seria um atrevimento e uma indelicadeza incompatíveis com os teus excelentes sentimentos.

—No entanto sinto um grande arrependimento de ter falado.

—E', como te disse há dias, a consequência do êrro praticado; por muito prudentes e refletidos que sejamos nas palavras, nunca é demais, porque, uma vez ditas, não podemos recolhê-las: retirar palavras é uma inútil figura de retórica-

—Não é tanto assim, observou Germano.

—Para mim, é. Serve apenas de desculpa, manifestação de que não houve intenção de ofender, etc. Mas o que é certo é que o pensamento da pessoa se manifestou com sinceridade e essa sinceridade, se existe na desculpa, não poderia existir na modificação da opinião expressa.

—Tem razão mãesinha; se, para a não contristar, eu lhe dissesse: «foi brincadeira, eu não penso assim da tia Leonor», era pior: equivalia a mentir; é preferível a desculpa.

—Está claro.

—Conte-me o pai hoje uma história, já que hontem foi a mãesinha que se desobrigou do seu compromisso.

—Que história queres?

—Uma que eu ainda não saiba.

—Aí vai. . . Conheço uma pequena chamada Ninhita, que é muito endiabrada, gostando, como os rapazes, de brincar aos soldados e de manobrar no corredor, comandando tropas imaginárias, com uma espada de fôlha, e uma barretina de papel. Á sua voz as balas partem, a artilharia trôa, a imaginária tropa inimiga é sempre vencida e os soldados do seu comando regressam sempre á Pátria—o quarto dela—por entre gritos, vivas, aclamações, vergando aos louros da vitória, ao som do hino de guerra.

«Bem que no ânimo lhe estejam façanhas guerreiras, e seja, na sua imaginação, vencedora em mais de cem batalhas, comove-se com o espectáculo de tôdas as misérias e tem pelos animais uma grande ternura, protestando, sempre que veja tratar mal algum, que, logo que ganhe dinheiro, há de entrar para a Sociedade Protectora dos Animais, para ter o direito de fazer prender todos que contra êles procedam com crueza.

«Uma noite, voltando a casa dum longo passeio, ouviu miar junto duma árvore : aproximou-se e viu com dó e espanto três gatos, muito pequeninos, ainda com os olhos fechados, procurando o carinho e chêgo materno; mas em vão : mãos bárbaras haviam-nos lançado ao caminho sem se preocuparem com a sorte dos infelizes.

«Ninhita, aflita, correu a casa, contou á mãe a história daquela desgraça e, conseguindo comovê-la, foi

buscá-los. Entraram os três heróis em casa e foram examinados um a um á luz do gaz. Todos três eram bonitos e, embora abandonados, tinham um ar distinto. Em conformidade com o seu aspecto foram-lhes dados os nomes de D. João, D. Basílio e D. Quichote. A avó da Ninhita, que tinha em casa muitos



...que tivesse aparência de caçador.

ratos gulosos, que iam ao cheiro da bem provida despensa, pediu um gato que tivesse aparência de caçador. Sendo-lhe permitida a escolha, levou D. João. Em breve o nosso herói justificou o nome mentendo-se em aventuras. Nunca parava em casa. D. Quixote e D. Basílio nunca abandonaram a sua protectora e tem por ela o maior affecto. Lançam-lhe os braços em volta do pescoço, como se fôsem crian-

ças, lambem-lhe as mãos, dão-lhe marradinhas, e quando ela estuda, saltam-lhe para as costas, cingem-lhe a cabeça com as duas mãos e anediam-lhe os cabelos com a língua, jogando a pancada por causa duma carícia da dona. D. Basílio, bem que tenha com Ninhita tôdas as meiguices, não consente que ela amesquinhe a sua dignidade de gato vestindo-lhe fatos da boneca, motivo êste porque ela prefere D. Quichote, que se deixa vestir, tocar e pôr fraldas como se fosse realmente uma criança. D. Basílio gosta muito da dona, mas passa as noites fora de casa. Não teme frio nem chuva e se alguma vez, por estar dormindo, todos se recolhem sem reparar que êle ficou em casa, quando acorda, vai bater á porta do quarto da mãe da sua dona para que esta o ponha na rua pela janela. São dois animais que vivem felizes em doce camaradagem e brincadeira com um pequeno cão, chamado Tejo, que Ninhita também levou para casa.

—Como? Quem lho deu?

Isso não sei, nem vem para o caso porque já há mais de um quarto de hora que deram as vinte e duas.

Mimi não replicou. Despediu-se e foi-se deitar.

Os pais continuaram na sala conversando e combinando como lhe haviam de festejar o Natal.



Germano, tendo prometido á filha mostrar-lhe o museu da Escola Politécnica ia sair com ela para cumprir a promessa, quando se encontrou na escada da própria casa com a cunhada e as sobrinhas. Como era um homem muito bem educado, ocultou a contrariedade, que a sua visita lhe causava e, oferecendo o braço a D. Leonor, voltou para trás com manifesto desprazer de Mimi, que não pôde deixar de manifestar no rosto a funda tristeza que lhe ia na alma.

—Estava longe do prazer da sua visita, mana Leonor: aparece tão raras vezes nos dias de semana!

—E' que a minha vinda hoje é interesseira.

—Sim? De que se trata então?

—O Jorge chegou hontem a casa com a notícia de que você conhecia um preparado magnífico para tornar a roupa impermeável. Escuso de lhe dizer que fiquei logo no ar com a idea de aproveitar tal descoberta.

O rosto de Mimi perdeu a expressão amuada e animou-se com um sorriso irónico.

Germano respondeu :

— A descoberta é dum químico de quem sou muito amigo, não é minha. Não tenho ainda em meu poder a utilíssima receita, mas, logo que me chegue ás mãos, dar-lhe-hei uma cópia.

— Agradeço-lhe infinitamente. A Mimi, pelo que me disse o Jorge, quer que os seus pobres tenham tôdas as comodidades e vai-lhes pôr carruagem para os dias de chuva.

Havia um leve tom de mofa nas palavras de D. Leonor, embora o seu rosto conservasse aquella expressão fria e serena, que tanto trabalho lhe dera primeiro que conseguisse trazê-la, como máscara, de manhã até à noite, para não mostrar aos outros os sentimentos maus que sabia ter e dos quais se envergonhava.

Mimi corou e não respondeu. Germano fingindo não lhe notar o tom das palavras, afirmou jubiloso :

— E' exacto. Os sentimentos desta pequena dão-nos a todo o momento motivo para satisfação e júbilo. Nascida na riqueza e na abundância, nada mais natural do que não reparar nas necessidades alheias; pois não se passa um único dia em que ela não remedeie qualquer miséria ou não pense em melhorar a sorte de alguêm. Isto alegra-me. Sinto que a minha fortuna nas suas mãos, há de ser justo motivo de bênçãos sôbre a sua cabeça.

— Motivo sim, mas que as receba . . . Ainda não vi ninguêm que guardasse longamente a memória dum benefício recebido.

—A mana Leonor é pessimista.

—Não, sou observadora; conheço o mundo.

—Permita que discorde das suas ideas porque também, por observação, tenho encontrado pessoas gratas e prontas a dar a vida por aqueles a quem devem um favor. Louvado Deus! ainha há gente boa.

—Estimo bem que viva nessa ilusão. Um dia há de dizer-me que gratidão encontra nestas crianças por quem tanto tem feito.

—Está combinado: veremos a qual de nós o futuro dará razão.

D. Alda, que vinha de passar uma revista a tôdas as dependências da casa para ver pelos seus próprios olhos como corriam os vários serviços, entrou neste momento na sala onde se achavam e a conversa levou outro rumo.

Mimi, conhecendo que era inútil tentar sair enquanto durasse a visita, quis fazer boa cara à má fortuna:

—O' papá, ¿ conta-nos uma história bonita?

—Conte, tio, conte.

—Vá lá: sentem-se então aqui, para não perturbarmos a conversa alheia.

As crianças rodearam-no ávidas de ouvir, e Germano começou:

—Vou contar-lhes a história de Medeia.

—Medeia? perguntou Lúcia, ¿ não era uma feiticeira da Cólquida, que, para se vingar de Jasão, matou os seus próprios filhos?



—Sim, na mitologia grega, é isso; mas nós estamos longe da fábula, da Grécia e de feiticeiras. O nosso caso passa-se na actualidade e entre felinos. Ora escutem:

## MEDEIA

Bela, era uma formosa gata francesa côr de café com leite, que ofereceram, em Paris, a um notável literato ali residente. Vindo, em curta visita, ao lar paterno, trouxe-a de presente á irmã. O gato preto, que até então fôra o enlêvo de Maria, teve de procurar fora de casa o confôrto e carinho que ali deixaram de lhe dispensar. Vagueando pelos telhados, entrou a mêdo pela janela esguia da mansarda onde uma pobre costureira trabalhava cantando. Esta, que gostava de animais, recebeu-o ótimamente. *Azeviche* estendeu-se-lhe aos pés e, festejado, voltou a visitá-la diariamente. A' tarde, quando a gentil rapariga fechava a vidraça, recolhia a casa da dona e dirigia-se ao luxuoso toucador. Sentava-se num pequeno tamborete e assistia com mudo ressentimento ao triunfo da rival. Bem que lhe tivesse zanga, fazia-se amável com a vaidosa. Ela, que primeiro nem reparava nêle, começou a notá-lo, achou-o simpático e deu-lhe atenção. Um dia casaram, e os criados da casa celebraram o caso com saúdes aos noivos, desejando-lhes grande e

formosa posteridade. Rialmente, pouco tempo depois, Maria prometia ás suas amigas os filhos de Bela. que decerto não cbegariam para satisfazer os inúmeros pedidos.

Rompeu o dia solene em que a formosa gata ia ter os seus meuninos.

Maria, sentada a ler junto da janela, esperava que a todo o momento lhe trouxessem a feliz nova. Passaram horas e começava a cair a tarde. Impaciente, pôs o livro de lado e dirigiu-se à casa da costura onde encontrou a criadagem reunida em grande e acalorada discussão.

— O que aconteceu? perguntou ela percebendo logo que se tratava de qualquer facto anormal.

— O' minha senhora, eu nem sei o que lhe hei de dizer... Veja...

E Margarida, afastando-se, deu lugar a sua ama.

Esta estendeu a cabeça e, soltando um grito de horror, recuou estarecida, tapando os olhos com as mãos.

Bela tinha tido cinco filhos que matara! O último estrebuchava ainda entre as desnaturadas patas do cruel animal.

Maria tomou-lhe tão funda repugnância que a não quis conservar. Bela encontrou fácilmente novo dono. Um dos muitos amigos e admiradores do notável homem de letras que a trouxera de Paris, apressou-se a levá-la e, desvanecido com a beleza do monstro, pôs-lhe o nome de Medeia.

De novo o gato preto foi eleito predilecto, mas desdenhou tal honra. Olhava a dona indiferente, com o ar superior de quem sente ainda a dignidade ofendida, e deixava-a diáriamente para se ir deitar ao sol



...aos pés da sua amiga costureira...]

na mansarda vizinha, aos pés da sua amiga costureira a qual lhe prodigalisava mil sinceras carficias.

O procedimento de *Azeviche* constou a Maria pelas criadas, que o relatou ao irmão na primeira carta que lhe dirigiu.

Êste respondeu-lhe:

•O caso que me contas, perversidade da Bela á

parte, deu-se comigo e com o célebre artista da ópera que dizia ser o meu melhor amigo, acompanhando-me por tôda a parte e freqüentando assiduamente a minha casa. Acreditei nêle como num irmão. Um dia apareceu na sociedade um rico *clubman* argentino que tinha magníficas equipagens, soberbos cavalos e ótimos jantares, mas era ôco e louco.

«Quando se cansou de o exhibir como amigo, substituiu-o por outro, tão estúpido como êle, mas conhecedor exímio de todo o género de desporto.

«O célebre artista quis voltar à minha sincera e dedicada amizade. Procedi então com êle exactamente como *Azeviche* está procedendo contigo. Repara como as acções dos felinos são semelhantes às nossas.»

Dias depois Maria leu num jornal da noite que uma mãe desnaturada matara um filho recém-nascido.

Sentiu passar-lhe na espinha dorsal um calefrio, mixto de horror e tédio, e murmurou :

— «Como a Medeia !

— E depois ?

— Mais nada : acabou-se a história.

— Já te disse um outro dia, paizinho, que não gosto de histórias tristes nem más.

— Esta é rialmente feia.

— Mas é precisò que os contos alegres sejam entremeados com tristes para lhes não dar da vida uma idea falsa, o que pode no futuro ter graves conseqüências. ¿ Creio que já te disse isto ?

—Disseste, sim, mas o mal é tão desagradável. . .

—Não há dúvida; contudo devemos encará-lo de frente e tentar vencê-lo por todos os modos. Se voltarmos a cabeça e desviarmos o olhar, o mal medrará á sôlta e aumentará todos os dias.

—Mas que ganhamos nós, meu tio, em saber que ha no mundo mães tão crueis? perguntou Clara.

—Muito: vêem quanto devem a Deus por lhes ter dado boas mães, tornam-se piedosas para as crianças que não teem essa felicidade, e quando alguma vez encontrem no seu caminho uma fera humana, porque as há em tôdas as classes sociais, em vez de se afastarem dela, procurarão pelo seu exemplo, palavras e conselhos, chamá-la ao bom caminho. Todo o ser que raciocina, é susceptível de emenda. A maior glória que um coração bem formado pode ter aos olhos da própria consciência, é, ainda mais do que fazer bem, evitar o mal.

—Tem razão, tio; quem conseguir evitar um mal iminente deve ter uma grande satisfação.

—Se tem!

Pouco depois as primas retiraram-se e Mimi foi ver as prendas que se estavam confecionando para o Natal dos Pobres.



# A FESTA DAS CREANÇAS

O dia 24 de dezembro rompeu alegre e festivo. Não havia frio, e o sol ostentando-se num azul purfíssimo, parecia anunciar á terra que estava por horas a grande comemoração da vinda á terra do Salvador do mundo. Os pais de Mimi haviam resolvido que a festa duraria três dias: 24, 25, e 26.

No primeiro dia as crianças receberiam, após o almoço, fatos e abafos novos, assistiriam na aula a uma sessão de animatógrafo com fitas tôdas próprias a celebrar o nascimento de Cristo e vários acontecimentos notáveis na história do mundo; findo esse espectáculo, brincariam nos jardins das quinze ás dezasseis horas, a que o jantar seria servido: depois seguia-se a árvore de Natal, distribuição de prémios aos alunos mais aplicados, e por fim ceia, dança, canto, e a missa da meia-noite, celebrada na capela do palácio. No dia

25 iriam aos museus, entre o almoço e o jantar, e à noite recitariam várias crianças, outras diriam monólogos, cantariam ou tocariam qualquer instrumento. Depois da ceia seriam levadas a casa. No dia 26, se não chovesse, iriam dar um grande passeio e jantariam na quinta de Bemfica; à noite, haveria distribuição de bonecos, livros de histórias, e de jogos instrutivos. Após a ceia seriam levados a casa e no dia 27 regressariam à sua vida de estudo e de trabalho.

D. Leonor e as filhas vieram cedo. As pequenas, radiantes, na esperança de passarem um belo dia; a mãe, na ansiedade de ver a importância enorme que dispendiam com os pobres, a qual, posta de lado ou sendo-lhe entregue, podia, em poucos anos, ser um dote sofrível para as suas filhas. E, indignada, comentava no seu íntimo:

—Não percebo Alda! Ter parentes que não são ricos e aos quais ela podia preparar um feliz futuro, e gastar com gente indiferente uma boa parte do seu rendimento é inqualificável! Precisava de achar um meio de lhe fazer notar isto.

E esta mulher, à qual nada faltava, mordida se e remordia-se com inveja dos pobres que sua irmã e cunhado tão justamente socorriam!

Mimi pedira à mãe para lhe fazer um vestido igual ao dos seus pobres para estrear nesse dia.

—Não é verdade, mãesinha, que parece mal trajar sêda ou veludo entre os meus pobres, no dia em que o Salvador jaz nu e deitado numas palhinhas?

—Pensas bem, filha, e não serei eu que te contrarie.

—Mande também arranjar para as primas, sim?

—Pois sim.

Em casa dos Valadares a criada da costura que era muito hábil, fazia freqüentes vezes fatos para as filhas de D. Leonor e tinha por isso as suas medidas.

As pequenas, logo que chegaram, correram a ter com a prima, acharam muita graça a vê-la vestida assim e apressaram-se a pôr-se do mesmo modo.

—¿Vamos mostrar-nos à mamã? disse Clarinha às irmãs, remirando-se no espelho, contente com aquela modéstia desusada que ainda mais lhe realçava a beleza.

—Vamos.

E dirigiram se para a sala do piano onde um criado, colocado à porta, lhes impediu a entrada.

—¿Não podemos passar? perguntou Lúcia espantada.

—Porquê? instaram as restantes meninas ante a mudez propositada do velho João.

—Tu que não respondes, João, lá sabes o motivo.

—Eu cumpro as ordens que me dão.

—Está bem. Mas... não será possível chamar cá fora a mamã e a tia?

—Vou ver.

E o velho criado entrou na sala e fechou a porta à chave.



As pequenas riram.

—E' manhoso e desconfiado, disse Joana.

—Êle sabe com quem lida e toma as suas precauções, observou Lúcia.

—Se te parece que não tem tôda a justificação em tais cautelas!

O comentário era de Mimi que uns dias antes atacara uma caixa de bolos confiada à guarda do velho servidor e destinada a um lanche no campo.

Momentos depois, a chave girou na fechadura e D. Leonor, seguida da irmã, saíram da sala do mistério.

—Que é isto!? exclamou ela olhando para as filhas com desagrado. ; Para que se foram pôr nessa figura?

Clarinha que não gostava de desagradar à tia pelo muito que lhe devia, apressou-se a informar:

—A tia Alda entendeu que neste dia tôdas devíamos andar de igual aos pobrezinhos e, mandando fazer um fato para a Mimi, teve a amabilidade de pensar em nós também.

D. Leonor súbitamente aplacada, lembrando-se que aqueles fatos eram excelentes para trazer em casa debaixo dos bibes e que nada lhe haviam custado, exclamou com um sorriso:

—Sempre tens cada lembrança!

—Excelente, ; não é assim? exclamaram as pequenas.

—Verdadeiramente, a idea não é minha: foi Mimi

que a teve. Achando o pensamento delicado, não fiz mais do que pô-lo em prática.

Clarinha que era uma grande trocista e tinha muita facilidade em rimar, fez um improviso à prima, que lhe cantou na música dum recitativo em voga:





O  
Improviso  
de Clara

Vinde, meninos ouvir  
O que eu digo de Mimi :  
Ninguê m sabe discernir  
Se ela se afasta daqui.

Se o sol ilumina o dia,  
Foi Mimi que o decretou.  
Se a lua, à noite, alumia,  
É que ela o determinou.

Se um prato se parte em casa,  
Mimi não foi com certeza.  
Se um jarro se vê sem asa,  
Nunca o deve a sua Alteza.

Sciência e sabedoria  
Regem as suas acções.

Até diz a minha tia  
Que ela é razão das razões.

Seu talento deslumbrante  
Deixa o mundo embasbacado.  
O coração é diamante  
Finamente facetado-

Depois, tem ideas únicas,  
Com o condão de encantar :  
Assim, vestiu-nos de túnicas  
P'ra situações igualar.

Se dá, não conta o dinheiro:  
E passa a vida a pensar  
Que a tinta do seu tinteiro  
Nunca nêle há de secar.

E escreve as suas memórias  
De ideas mil recheadas,  
Que valem mais do que as histórias  
Das nossas velhas criadas.

Nelas, entre muitas cousas,  
Que Joana leu certo dia,  
Vê-se: «Não lavem as lousas  
«Com cuspo, que é porcaria.

«Rir alto é má criação,  
«Não estudar é estupidez ;  
«E chorar sem ter razão  
«Uma grande insensatez».

Nota com muito bom senso :  
«Quem não cumpre o seu dever  
«Boceja, preguiça imenso,  
«Ouve e fala sem saber».

Se ela nos não diz tudo isto,  
; Quem havia que o dissesse ?  
Eu, pelas chagas de Cristo,  
Afirmo que ela merece

Ser levada em cadeirinha  
Em volta do seu jardim,  
Porque esta nossa priminha  
E' da Escola o querubim.

Meninos, vinde pasmar  
Das ideas de Mimi.  
Ninguém sabe discernir  
Se ela se afasta daqui.

Quando Clara acabou de cantar, todos riram.  
Mimi percebeu, como seus pais, a ironia através da

lisonja; mas em vez de se molestar, disse achar-lhe graça e pediu-lhe que tornasse a repetir. Quando ela chegou ao fim, lembrou:

—Então, se tu entendes que me devem levar de cadeirinha, façam-na que eu não digo que não quero.

Clara e Joana agarram os pulsos fazendo quadro e abaixaram-se. Mimi sentou-se-lhes nas mãos, lançando os braços em volta do pescoço das primas que a levaram pelas ruas do jardim, entre risos e exclamações de alegria, recusando-se a pô-la no chão quando ela, já fatigada, o exigia.

—Não vais para o chão. Tens de continuar o teu passeio régio. Ou somos ou não somos.

Mimi, já zangada tentou descer.

Elas ergueram mais os braços andando com pressa e agarrando-lhe o bibe com os dentes. O desespero da pequerrucha subiu de ponto e, lançando-se com toda a força para a frente, caiu, ferindo a testa numa das pedras de granito que orlavam o tanque da horta.

—Um pouco mais e pregávamos com ela no charco, disse Joana a Clara.

—E' o que nos faltava, respondeu esta. ; Quem aturaria os tios?

Lúcia, menos má que as irmãs, ajudou Mimi a erguer-se e lavava-lhe, com a ponta do lenço, o sangue que lhe corria da testa.

—Não laves isso assim, disse Clara com mau modo.

—Porquê?

— Não vês que essa água está suja e podes infectar-lhe a ferida?

— Não me lembrei.

— Dá-me o teu braço, Lúcia. Vamos para casa, pediu Mimi chorando.

— Não faças queixa à tia, não?

— Olha que foi sem querer.

Num assômo de franqueza, Mimi respondeu-lhes:

— Sem querer? Não: foi muito propositadamente. Vocês imaginam por eu não dizer nada que as não conheço? São umas invejosas, umas más, que me odeiam sem motivo algum, e que, quantos mais benefícios me devem, mais raiva me teem. Felizmente a Lúcia é melhor do que vocês são, e vou dar-lhe um prémio pela maneira por que se portou comigo.

— Não digas aos tios, insistiu Clarinha, receiosa.

— Não digo: para castigo basta-te ver que te conheço e te perdão: é a prova de que te sou superior.

E, olhando para Joana, com desdem, prosseguiu:

— Tu és outra que tal.

Depois, apoiada no braço de Lúcia, seguiu para casa, enxugando a testa com o lenço desta.

Clara e Joana seguiram-nas a distância.

D. Alda, encontrando-as no corredor, indagou affita:

— Que te aconteceu, minha filha? que tens tu?

— Tropecei numa pedra e caí.

— Vamos arranjar isso depressa. Olha que podes infectar a ferida com o lenço.

—E' que o sangue corre de vagar, mas é muito.

Levada a um quarto onde se havia improvisado a enfermaria da Escola, verificou-se que a pobre pequena tinha na testa uma grande brecha, e foi preciso aplicar-lhe dois *agrafes* e ligar-lhe a cabeça. Logo que o tratamento se acabou, Mimi pediu á mãe :

—;Faz-me um favor, mãesinha ?

—Tudo o que tu quiseres, meu anjo.

—Desejava dar o meu presépio á Lúcia, como prova de gratidão pela solicitude com que me socorreu quando caí.

—Pois sim, dá.

Lúcia abraçou-a com transporte, enquanto as outras, ruborizadas, procuravam em vão ocultar a inveja que sentiam.

D. Alda percebeu, olhando-as, que alguma coisa estranha se passara ; mas não perguntou nada, confiando em que Mimi, sempre tão sensata em tudo, não deixaria de lhe expor o motivo pelo qual se privava, a favôr da prima, do seu presépio que ela tanto presava e tão caro havia custado.

Antes de guardar o presépio na enorme caixa que o trouxera de França, Mimi cantou os versos que seu pai fizera para a solenidade do dia :



## Jesus nascido

CORO

Vinde, povo! vinde povo!  
Vinde, povo! vinde ver  
O menino nas palhinhas,  
Que lembra o sol ao nascer.

UMA VOZ

No olhar promete piedade,  
Nos lábiozinhos, perdão:  
E' tão pequenino à vista  
Que entra assim no coração;  
Mas é tão grande em verdade  
Que tem o mundo na mão,  
Sem nada haver que resista  
A tão sábia direcção.

CORO

Vinde, povo! vinde, povo!  
Vinde, povo! vinde ver  
O menino nas palhinhas,  
Que lembra o sol ao nascer.

## UMA VOZ

Fugi, estrêlas, que no espaço  
Nossos olhos encantais.  
Oculta o teu rosto, ó lua,  
Que o da Virgem brilha mais.  
Tirou Jesus do regaço  
E deitou-o entre animais.  
Que vergonha e que desgosto  
Se aos homens os comparais. . .

## CORO

Vinde, povo! vinde, povo!  
Vinde, povo! vinde ver!  
O menino nas palhinhas,  
Que lembra o sol ao nascer.

## UMA VOZ

Adoram-no céus e terra  
Em constante enlêvo e prece.  
Ao fitá-lo, comovido,  
O mundo inteiro estremece.  
O homem, só, lhe faz guerra  
E em seu amor arrefece  
Soltando um fero rugido  
Que voz de animal parece.

## CORO

Vinde, povo! vinde, povo!  
Vinde, povo! vinde ver  
O menino nas palhinhas,  
Que lembra o sol ao nascer.

## UMA VOZ

As feras mostram-se humanas,  
Os homens feras parecem.  
Receber bem, mal fazer  
Eis a moral que conhecem.  
Curem-se as mentes insanas|  
E, se os erros se não esquecem,  
Redimam-se as tristes eras,  
Que actos bons os maus fenecem.

## CORO

Vinde, povo! vinde, povo!  
Vinde, povo! vinde ver  
O menino nas palhinhas,  
Que lembra o sol ao nascer.

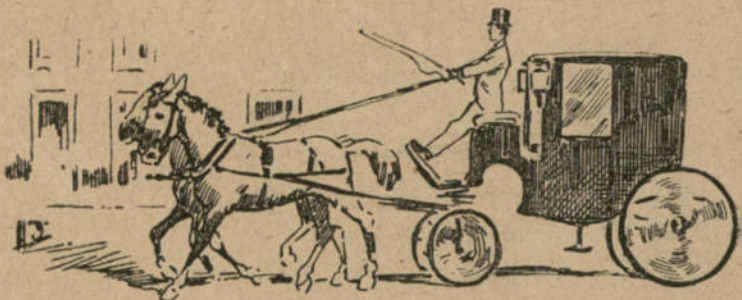
O programa da festa executou-se pontualmente e, quando de madrugada, a carruagem dos Valadares foi levar a casa Jorge de Lemos e a família, D. Leonor perguntou às filhas:

— Qual de vocês é que quebrou a cabeça a Mimi?

— Fui eu e Joana, respondeu Clara.

E contou como a queda se tinha dado, finalizando por comentar, apontando Lúcia:

— Esta impostora, que gosta tanto dela como nós, com os seus carinhos e momices, apanhou o presépio.



... a carruagem dos Valadares ...

Lúcia defendeu-se :

— Eu nunca lhe tive a zanga que vocês lhe teem, mas confesso que acho de muito mau gosto ir a casa de alguém e proceder de forma a partir-lhe a cabeça.

— Tens razão, disse D. Leonor ; é profundamente desagradável.

— Tanto mais que êsse alguém que tão ásperamente censuram sempre, deu-lhes uma esplêndida lição de generosidade, compensando quem a a auxiliou e ocultando-vos a falta que não podia deixar de merecer castigo, acrescentou o pai.

— Não lhes ralhes hoje: é dia de Natal.

— Eu não ralho: noto a diferença do procedimento delas para o de Mimi. Ela deve estar contente convosco e consigo, enquanto que vocês nem consigo nem com ela. Vem a propósito contar-vos uma história curiosa.



## O ENRÊDO

Uma artista notável, mas invejosa, como a maioria dos que, tendo talento, não teem coração, foi um dia a casa de outra agradecer-lhe um dêstes favores que é comum trocarem-se entre elas: a análise dum qualquer trabalho. Muito amável e insinuante, informou-se do trabalho da outra, que sinceramente lho explicou.

— Sabe? perguntou ela no fim; a nossa comum amiga F. vai julgar, pelo título dêsse livro, figurar nele.

— Não creio, respondeu-lhe a outra sorrindo; mas, se assim fôr, é bem feito: será castigo da sua maldade que depressa passará, quando vir que a protagonista do romance é outro tipo, inteiramente diferente.

A visita falou de outros assuntos e retirou-se com grandes protestos de agradecimento e amizade. Passados dias, tecia-se uma grande intriga, em que esta senhora contava à outra o grande escândalo que ia rébentar com o tal livro em que vinha o seu retrato fielmente pintado.

Mexeram-se influências para evitar tal publicação, o que foi fácil: a que se julgava visada tinha muito dinheiro e a outra era pobre. Não sei se a intriguista colheu o fruto do seu enrêdo; o que sei é que, meses depois, a criatura que julgava dever um grande favor á denunciante da falsidade, perguntou á realmente caluniada:

— ¿ Que ideia fazes da mulher do C. ?

— Que é uma criatura muito inteligente.

— E absolutamente verdadeira, ¿ não te parece ? indagou a outra prescrutadora.

— Assim o creio, respondeu a primeira, desprezando moralmente a criatura a quem dera, estúpida-mente, tantas provas de estima e tão mal lhas retribuir, mas não querendo usar dos seus processos, embora cheia de razão.

Êste caso ficou ignorado. A intriguista continua a passar por santa, e a outra, quando a ouve gabar, diz de si para si:

— ¿ Que hipócrita ! E quanto mais a vê nas boas graças de tôda a gente, mais a despreza, lembrando-se de que meios ela se servirá para agradar, visto ser uma criatura sem escrúpulos. Chegámos a casa e terminei a história. Bem què muito diversa, a scena de hoje deve ter deixado no espírito de Mimi o mesmo desdêm por vocês que a tecedeira do enrêdo encontrará sempre no espírito da criatura que caluniou : é fatal.

— ¿ Até que emfim terminaste o sermão. Julguei

que não te calarias mais, murmurava D. Leonor descontente.

As pequenas, cheias de sono e aborrecimento, despediram-se e recolheram à cama onde pouco depois ressonavam, com excepção de Lúcia que, tornando a erguer-se, foi pé ante pé examinar, à luz da lamparina, as lindas figuras do presépio que sua prima lhe dera.

Um arrepio de frio fê-la lembrar que estava em Dezembro e, receiando constipar-se, correu a meter-se sob os cobertores, murmurando:

— Não há dúvida: a gente ganha muito mais em ser boa do que má. Não falo no presépio, falo da satisfação da própria consciência e na consideração que os outros nos dispensam. O sentimento da inveja, que as manas procuram despertar-me no coração, é incómodo, humilhante e vexatório, enquanto que o de cumprir o que se deve, dá alegria porque, dignificando-nos aos nossos próprios olhos, sentimos que valemos a estima alheia.

As pálpebras cerraram-se-lhe a pouco e pouco, e Lúcia adormeceu serenamente.

Na época em que os Valadares costumavam partir para Paris, anualmente, muitas pessoas amigas lhes faziam encomendas que êles, com a sua amabilidade habitual, satisfazião o melhor que podiam e muita vez com prejuízo próprio. Êste ano, porém, com pasmo e contrariedade dos *snoobs*, para os quais só o



que vem de França tem valor, D. Alda respondia a tôdas as pessoas das suas relações :

— Não vamos. Mimi já se interessa muito por tudo e prefere fazer várias excursões pelo país a ir ao estrangeiro. Eu estava nêsse hábito, mas acho-lhe razão. Tendo tanto que admirar na nossa terra, ¿ para que vamos nós sair duma cidade para nos metermos noutra que tão bem conhecemos?

— ¿ Mas as suas compras? arriscavam a mêdo as visitas.

— Faço-as em Lisboa. A Mimi tem a paixão de tudo quanto é portugûês, e acho racionais os seus argumentos. Diz ela que é preciso valorisar a indústria nacional e que se nós, os que somos ricos, não dermos o exemplo, não serão os que tem menos que o hão de dar.

— Ora, pois sim, mas os produtos francêses são outra cousa!

— Olhe que os nossos são excelentes e, em muitas casas compra mais caro, e como estrangeiros, produtos absolutamente portugûeses.

— ¿ Que me diz?

— Garanto-lhe isso. Compram-se na nossa terra chapéus vindos de Paris, vendidos como modêlos e que nunca por lá passaram; fazendas que se dizem londrinas e nunca lá foram; e até essências. . . Olhe, vou contar-lhe um caso: Meu marido conhece um farmaceutico que resolveu pôr em Lisbôa uma perfumaria onde acreditasse varios produtos fabricados por

êle, com rótulos lindos, mas portugueses. As senhoras entravam nas lojas, pediam essências estrangeiras e



.. em dois frascos de essencia...

não levavam as portuguesas porque não prestavam.  
Êle, vendo que não tirava proveito do seu trabalho e

temendo perder o capital empregado, que já não era pouco, mandou fazer rótulos francêses. Deixou alguns frascos com os portuguezes e mascarou os outros com várias nacionalidades. Um dia entrou-lhe na loja uma senhora e pegando em dois frascos de essência absolutamente iguais, mas diferentes na aparência, perguntou o preço. Disseram-lhe que a portugêsa era um escudo e a estrangeira mais cincoenta centavos. Levou os dois frascos para experimentar e voltou dizendo que a nossa não prestava, e levou mais da francêsa, que só lhe era superior no preço!

—Isso é um facto isolado, minha querida, volteu-lhe a visita.

—Será. Comtudo foi o bastante para cedermos aos desejos de Mimi e conformarmo-nos com o proverbio que Garrett tão chistosamente evidenciou:

«Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuço».

As visitas concordavam ou não com o novo modo de ver da família Valadares e retiravam desesperadas com as ideas de Mimi. Um grupo que se encontrou a poucos passos do palácio da rua de S. Marçal, trocou cumprimentos:

—; Vem de casa da Alda?

—Neste momento. Fui pedir-lhe para me trazer uma capa de Paris, mas êles este ano não vão.

—Não vão! exclamava a outra com pena. E eu que desejava que, apenas chegada, ela me expedissem um chapéu.

—E' inutil pensar nisso. As ideas da Mimi tornaram a cabeça dos pais.

—Que rapariga tão quizilenta!

—E' embirrantissima.

—E feia...

—Uma noite de trovões.

—Eu digo que a Mimi Valadares é uma tola com pretenções a esperta.

Nisto, uma mulher de chale e lenço que vinha a passar, parou, pôz a mão na ilharga e exclamou:

—E' da menina do palácio que a senhora está a falar? e apontava para a casa.

—Exactamente, confirmou a do chapéu na esperança de ouvir qualquer cousa em desabono da pequena que não permitia as encomendas do estrangeiro.

—Pois das duas uma: ou a senhora é muito má, ou não sabe o que diz. Aquilo é um anjo de bondade: nem parece dêste mundo:

E, afastando-se, ia resmungando:

—Ora a seresma! Naturalmente come jantares aos pais e atreve-se a falar da filha. Chama-lhe feia! Olhem a boniteza! Com toda a sua aquela, talvez não seja digna de lhe sacudir o pó dos sapatos.

As senhoras, envergonhadas, apressaram-se a retirar da rua no receio de ouvirem mais inconveniências, mas a mulher continuava andando, voltando a cabeça de espaço a espaço, até as ver desaparecer, e murmurava sempre:

— Ora não ha! Que tal está a figurona! Atrever-se a boquejar no refugio dos pobres... Ora, ora... de que laia ela é!

D. Alda, vendo as visitas saír contrariadas, dizia para a filha:

— Tiveste uma esplêndida idea, minha joia. Não gosto de dizer que não a ninguêm, mas o rol das encomendas era para mim o ponto negro da ida a Paris.

— Mas porque o levava, mãesinha?

— Porque ha uma obrigação moral que todos temos em ser útil aos outros.

— Comprehando isso quando se trata dos pobres, mas daqueles que o não são e ficam sempre desconfortados por mais que se faça por êles, não.

— Nêsse ponto discordo contigo inteiramente, Mimi. Se nunca estão satisfeitos é porque são doentes: devemos portanto ter paciência para êles e ajudá-los a suportar os seus males procurando comprazer-lhes em tudo e não nos escandalizando com cousas de que, na maioria dos casos, não são culpados.

— Tu, como és muito boa, mãesinha, achas sempre perdão para todos.

— Assim deve ser no nosso proprio interêsse; Julgas que somos perfeitos, Mimi?

— Perfeitos, perfeitos não digo, mas pouco menos.

— Enganas-te, estamos muito longe disso e precisamos da indulgência dos outros para os nossos defeitos.

—¿Que defeitos tens tu?

—Muitos: não mos notas porque és muito minha amiga: é um condão da amizade achar lindas as pessoas feias e não lhes reconhecermos senão qualidades. Mas deixemos este assunto que é bastante massador, e vamos fazer arranjar as malas para a partida.

No dia seguinte, os pais de Mimi foram com ela procurar o prior da freguezia a quem encarregaram da direcção da Escola durante a sua ausência, e nessa mesma tarde partiram de automóvel para Coimbra, levando Lúcia, a quem a prima se afeiçoára desde a queda que déra na véspera de Natal. As duas meninas gostaram imenso da bela cidade a que um poeta já extinto, João de Lemos, chamou alegre flor do Mondego. Tudo lhes era motivo de encanto e de satisfação, mas ainda não estavam ali há oito dias avariaram ver novas terras. Foram pois sucessivamente ao Bussaco, Pôrto, Braga, Bom Jesus, voltaram novamente ao Pôrto, depois seguiram para Viana, Caminha e Valença.

—Vê tu, Lúcia, dizia Mimi à prima, ¿ não é tão bonito o fato destas raparigas?

—Mas é tão visto já, no entrudo, em Lisbôa que fora daqui perde o encanto.

—Sou da tua opinião.

—Já estamos no distrito de Viana, disse Valadares.

—¿ O que é distrito, meu pai? perguntou Mimi-

— E' uma divisão administrativa; uma das 17 partes de terreno em que está dividida, no continente, a República Portuguêsa: tem o seu governador civil, e outras autoridades próprias.

— ¿ Como se diferenciam êsses districtos entre si?



...fazer arranjar as malas...

— Pelo nome das suas capitais.

— Eu sei quantos são, disse Lúcia.

— ¿ Sabes? ¿ Quem te ensinou?

— Aprendi na Corografia.

— Então dizê lá, para ver se te não enganas.

— Não ha perigo: sei-os de cór.

— Oiçamos.

Como um papagaio, Lúcia disse :

— Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança, Pôrto, Aveiro, Coimbra, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Leiria, Santarêm, Lisboa, Portalegre, Evora, Beja e Fáro.

— ; E nas ilhas adjacentes quantos districtos há? perguntou Valadares, sorrindo.

— Há quatro : Funchal, na Madeira, Ponta Delgada, Angra e Horta, nos Açôres.

— Estás uma sábia !

— Tenho trabalho para aprender qualquer cousa, mas, depois de a ter fixado, não a esqueço.

Mimi ouviu e aprendeu. A companhia de Lúcia foi-lhe um grande beneficio porque teve uma criança da sua idade para brincar e, como a prima era estudiosa e instruida, aprendeu muito com ela. Lúcia, sem a companhia das irmãs era uma pérola. Os tios estavam encantados com ela e Germano Valadares, escrevendo de Viana a Jorge de Lemos, dizia-lhe :

Meu caro Jorge

Temos feito uma viagem encantadora, sem o menor incidente desagradável. A tua filha tem-nos feito uma companhia excelente e estamos na disposição de ficar com ela, se tu e a Leonor não protestarem. Vocês tem duas e nós ficaríamos com outras duas; é uma cousa bem pensada, ; não lhe parece? Mimi já não pode passar sem Lúcia . . . nem nós. Ela tem muitas



saudades de ambos, mas gosta de ver terras e costumes novos e não lhe faltam mimo nem carinhos. Até breve. Devemos estar em Lisbôa uma semana antes da festa da árvore, para termos tempo de a organizar a nosso gosto. Agora vamos para Caminha e Valença, devendo depois regressar à capital em pequenas jornadas. Beijo a mão de Leonor, os rostos das tuas lindas filhas, e abraça-te muito do coração o teu

Germano

Em vista desta carta não se admirarão os nossos pequenos leitores de que no quarto contiguo ao de Mimi se puzessem reposteiros novos, uma linda mobilia tôda pintada de branco, constituida por cama, mesa de cabeceira, cómoda, guarda-vestidos, uma secretária e uma estante. Nas paredes, forradas de escuro, sobresaia um espelho e os retratos do pai e da mãe de Lúcia em molduras brancas e de tamanho natural. Na cabeceira do leito, um Cristo de marfim. A coberta e o estôfo das cadeiras era de seda verde, assim como os cortinados do leito. Alguns bronzes ornavam o quarto e nas jarras da secretária ostentavam-se lindos feixes de rosas também brancas. A disposição dos móveis e sua escolha fôra confiada pelo telégrafo ao Alcobia que mais uma vez mostrára o seu bom gosto e arte.

Depois de quatro longos mezes de passeio, regressaram finalmente ao palácio da rua de S. Marçal.

As crianças da Escola esperavam-nos à entrada do jardim com os mestres, os pais de Lúcia e as duas irmãs. Mal o automóvel parou à porta, as crianças começaram a entoar o ino da Escola e a deitarem folhas de rosa sôbre os recém-vindos.

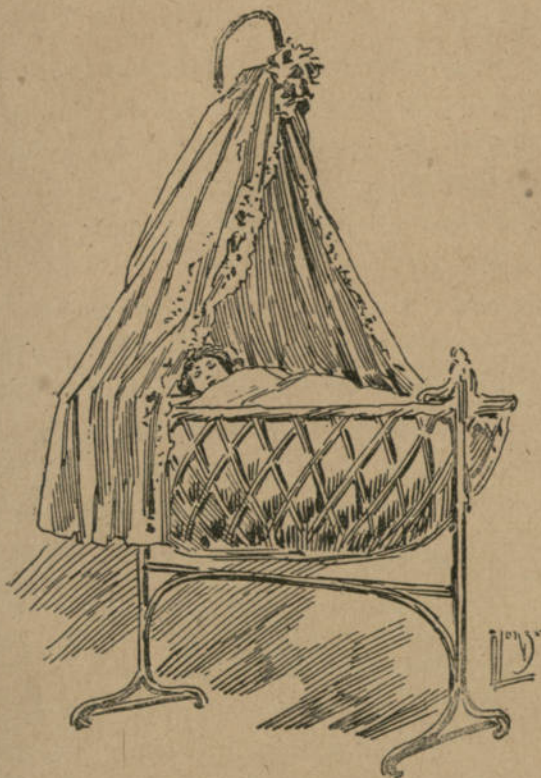
O caracter modesto dos membros da família Valadares não gostava destas manifestações, mas a festa era promovida pelo prior que julgava assim interpretar os sentimentos de gratidão dos pequeninos.

Foi, portanto, necessário agradecer, mostrarem-se penhorados com a idea, e convidar todos a tomarem uma chavena de chá, quando vinham moidos e cansados da jornada, com desejo de repousar e de dormir.

Lúcia abraçou efusivamente os pais e depois as irmãs, que a receberam friamente. Tinham sabido pela mãe que os tios pediam para conservar junto dêles Lúcia. Haviam mais tarde assistido à discussão de D. Leonor com o marido. Êle não tinha vontade de ceder, mas ela, calculando sempre, fizera-lhe ver que não tinha direito, pelo affecto, a sacrificar o futuro da filha. Mimi era fraca, podia morrer, era até o mais natural. Os Valadares não tinham herdeiros forçados e, se tivessem a pequena comsigo, era mais do que certo que lhe deixariam tôda a fortuna. Emfim Jorge, vencido pelos argumentos da mulher, respondeu ao pedido dos cunhados que lhe cediam todos os direitos sôbre Lúcia. Clara e Joana, desde êsse dia, passaram de invejar Mimi a invejar a irmã.

Depois das crianças, dos mestres e do prior se terem retirado, D. Alda disse à família :

—Antes de se irem embora, venham ver o quarto de Lúcia.



Num berço de rendas ..

Uma exclamação de prazer safu dos lábios desta, que se lançou nos braços de Mimi, exclamando :

—Foste tu, ¿ não é verdade ?

—Que lindo! exclamaram em cõro as duas irmãs.

—Está realmente um encanto, disse D. Leonor satisfeita.

—Ai o que ali está! bradou Lúcia, correndo para um canto.

Num berço de rendas, uma boneca em tamanho natural, igual á da Mimi, estava deitada com os olhos semi-cerrados. As pequenas correram tôdas para junto do leito dispondo-se a ir brincar com ela.

—Hoje, não: é muito tarde. Amanhã disse Germano.

—Amanhã é dia de estudo: no domingo.

Despediram-se e retiraram. Os pais de Lúcia iam satisfeitos, D. Leonor nem sentia o espinho costumado da inveja, mas Clara e Joana não podiam ocultar o seu despeito.

—; Que tem vocês que vão com tão má cara?

—Tenho sono, respondeu secamente Joana.

—E tu?

—Eu tenho pena de ver Lúcia com tantas cousas boas e eu sem elas, confessou Clara.

—Foi viajar, viu lindos lugares, divertiu-se, e agora vive como se fõsse rica, emquanto que nós...

—E de quem é a culpa? Vocês, com a sua inveja, fizeram mil partidas a Mimi, acabando por lhe partir a cabeça; a vossa irmã procedeu de outro modo: é justo: ela teve a recompensa e vocês a punição em não serem desejadas onde ela é querida.

— Cala-te, Jorge. Deixa-as lá.

— Eu deixo. Só lhes noto que não teem que se queixar da sorte: é a consequência lógica dos seus actos.

E durante o trajéto ninguêem disse mais palavra.



Chegou enfim a festa da Árvore e foi solenisada com tôda a pompa. Germano escreveu para ela êstes versos que as crianças cantaram com alegre entusiasmo:





A PLANTAÇÃO

Plantêmos as árvores  
Na terra fecunda,  
Na terra que abunda  
Em fructos e flores!  
Plantemos as árvores!  
Serão bom tesouro,  
Darão pomos de ouro  
Por entre verdores.

Quando as laranjeiras  
Fôrem crescidinhas,  
Outras criancinhas  
Aqui hão de vir.  
Então brincadeiras  
Nós já não teremos,  
E trabalharemos  
Sorrindo ao porvir.

Porém nossos nomes  
Na folha gravados,  
P'ra sempre ligados  
Às árvores são.  
Êsses pobres nomes,  
Emquanto elas vivam  
Darão aos que as estiveram  
A recordação

Dessas criancinhas,  
Que noutras pensando,  
Foram semeando  
O que hão de comer  
Rosadas boquinhas  
Da nova ninhada,  
Da Escola abençoada  
Teimando em viver.

Quem pensa nos outros  
Serve a Providência,  
Que em sua clemência  
Tanto bem nos faz.  
Quem pensa nos outros  
Prepara o futuro  
E torna-o, de escuro,  
Em irís de paz.

Plantemos as árvores  
Na terra fecunda,  
Na terra que abunda  
Em fructos e flores!  
Plantemos as árvores!  
Serão bom tesouro,  
Darão pomos de ouro,  
Por entre verdores.

Tôda a família de D. Alda se reuniu em Bemfica, sem que desta vez a inveja de D. Leonor e das filhas conseguisse perturbar a festa. O exemplo frisante de Lúcia e os constantes reparos do bom Jorge de Lemos lograram curar da inveja a família.

Clara e Joana tornaram-se uma companhia muito apreciavel para a irmã e para a prima e quando, depois de mulheres, se lembravam dos seus acessos de inveja, tinham vergonha e coravam. Também ninguém, a não ser a própria consciência lhes falava em tal. A generosidade e o perdão foram sempre timbre da família Valadares.

Mimi não morreu, como a ambiciosa tia previra, mas não casou. Sabendo-se fraca e doente, entendeu que não devia criar familia para não prejudicar ninguém. Dedicou-se sempre à sua Escola, tornando felizes milhares de famílias, e dotou generosamente as primas quando elas se casaram.

Todos vivem ainda, e Maria da Graça Valadares, a nossa antiga Mimi, continúa a ser a providência da



família e dos pobres que a cumulam de bençãos e carinhos.

E' madrinha dum filho de Lúcia que, apesar de ela ser ainda muita nova, teima em chamar-lhe a sua avósinha, o que sinceramente a desvanece.

A vida de Mimi é um bom exemplo de resignação, virtude e bondade, digno de ser seguido por tôdos, em iguais circunstâncias, que tiverem coração.

FIM



# ÍNDICE

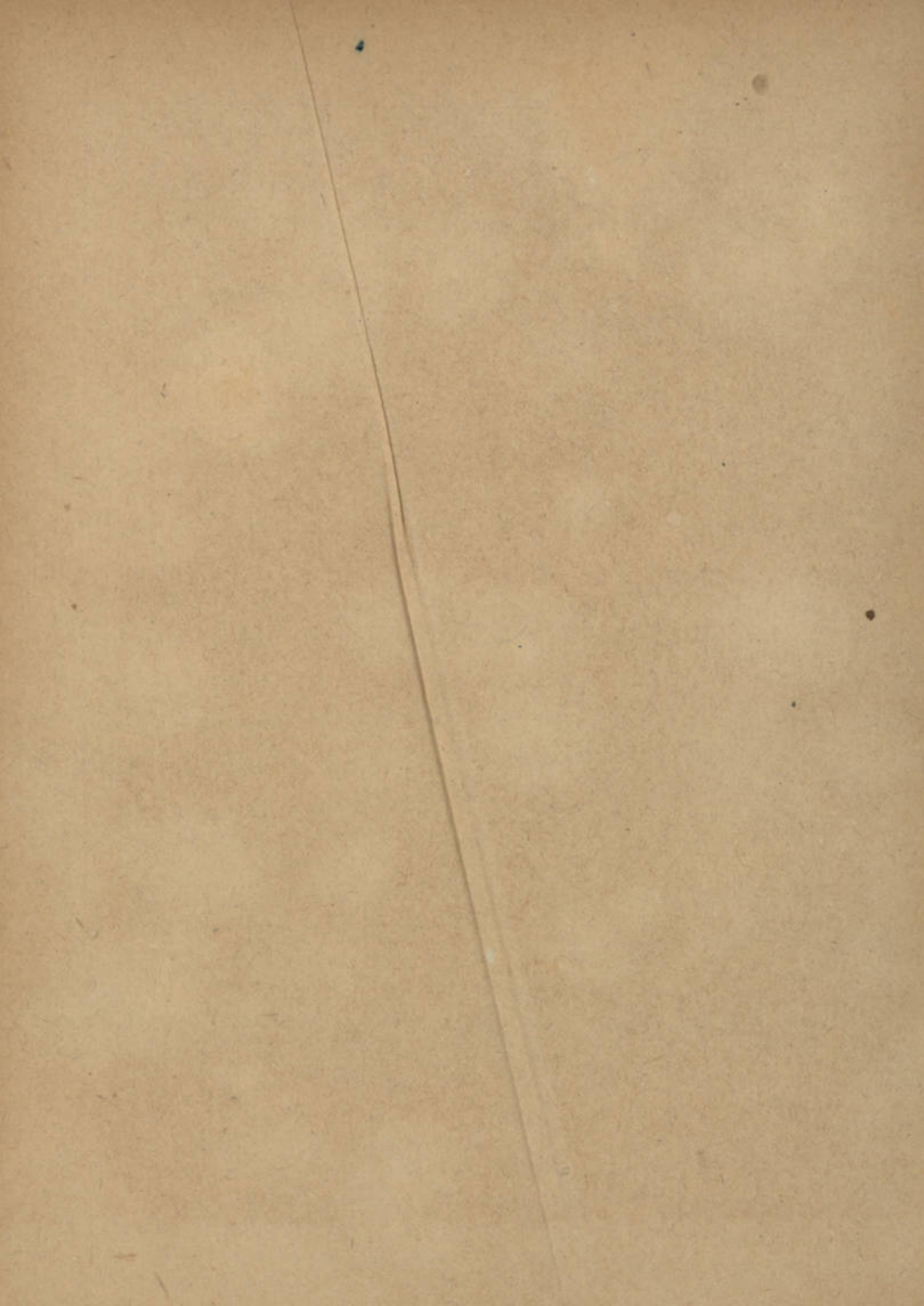
---

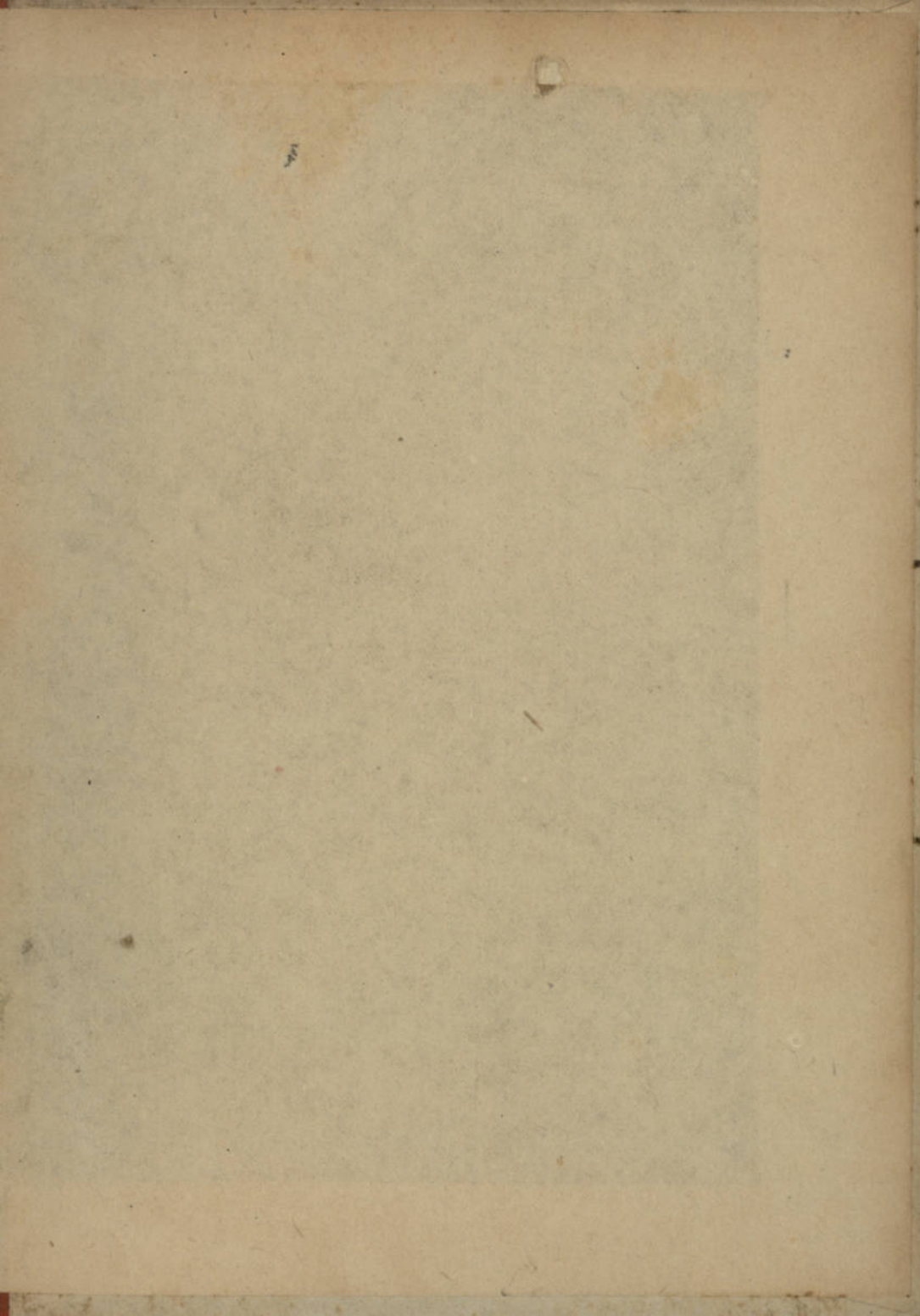
As ideas de Mimi. . . . .	5
O que dizem as rôlas . . . . .	25
O oihar do coelho. . . . .	61
O que Mimi previra. . . . .	82
Medeia . . . . .	85
A festa das creanças. . . . .	90
O improviso de Clara . . . . .	95
Jesus nascido . . . . .	101
O enredo. . . . .	106
A plantação . . . . .	122













3

B. N. L.